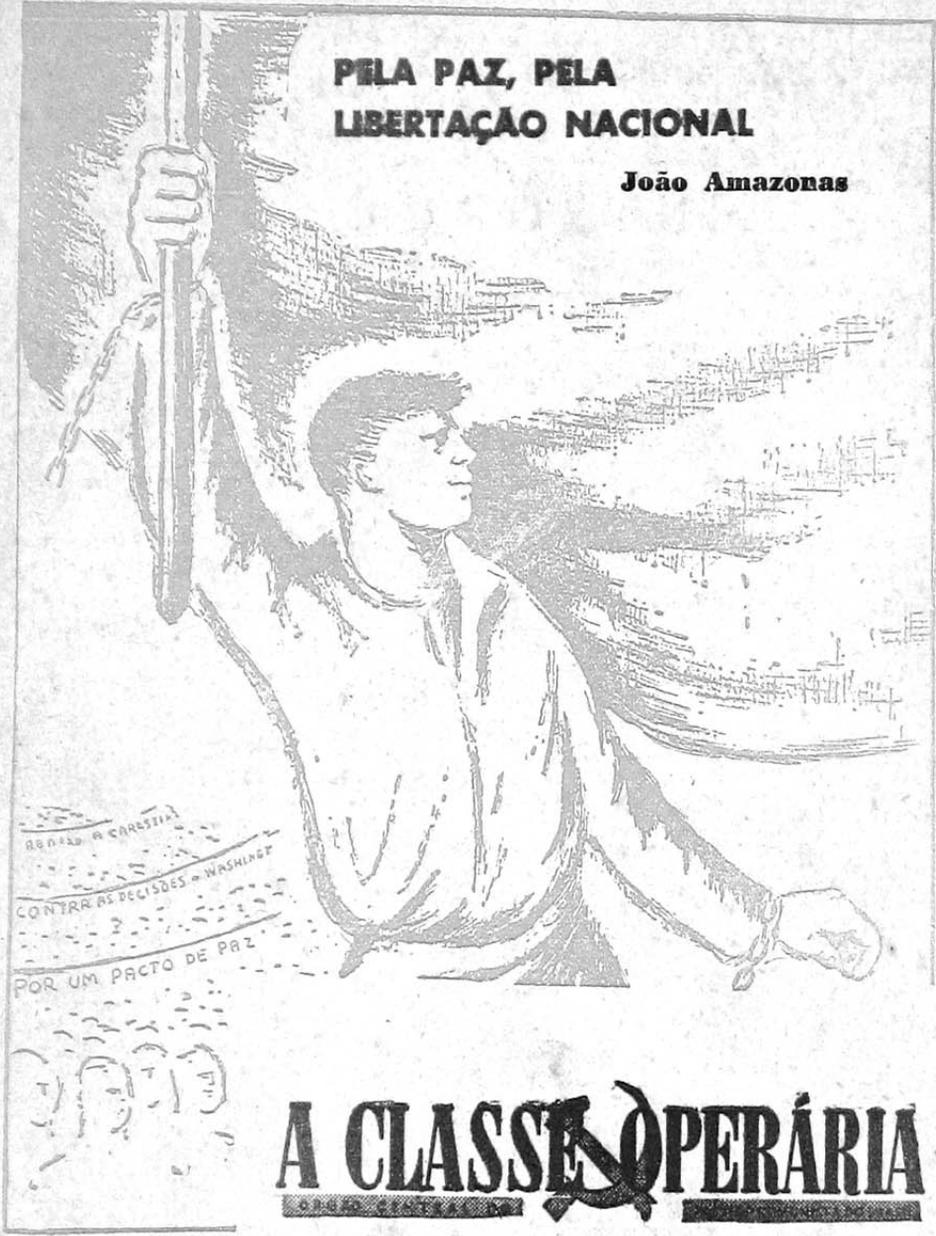
PELA PAZ, PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL

João Amazonas

A CLASSE OPERÁRIA

SUPLEMENTO

ANO XXVI | RIO, 1.º-7-1951 | N.º 402

PELA PAZ, PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL

(Informe do C. E. do Partido Comunista do Brasil ao Pleno do Comitê Nacional em junho de 1951)

JOÃO AMAZONAS

INTRODUÇÃO

Camaradas:

O Comitê Nacional reune-se para apreciar o desenvolvimento da situação política e, em particular, o da situação na América Latina e no Brasil, em ligação com a Conferência de Washington, cuja significação profunda precisamos examinar e compreender. Como decorrência desta apreciação e orientados pela linha política do nosso Partido, devemos estabelecer as medidas capazes de nos permitir levar mais adiante a luta pela paz, pela libertação nacional.

Antes de entrarmos na análise da situação política, queremos saudar a histórica entrevista do camarada Stalin à "Pravda", acontecimento o mais importante na esfera internacional, nestes últimos tempos, ajuda inestimável à compreensão e à atividade dos comunistas. Agradecemos a Stalin a imensa contribuição que sua entrevista significa para os nossos trabalhos.

A entrevista do camarada Stalin ilumina o quadro da situação mundial, deixando ver, em todos os seus aspectos, a conjura criminosa das fôrças agressivas do imperialismo e, ao mesmo tempo, a fôrça crescente e poderosa que a elas se opõe, a fôrça em constante aumento do campo da paz, da democracia e do socialismo. Apontando as fôrças agressivas que tramam contra a paz mundial, o camarada Stalin chama a atenção para a importância que adquirem no momento atual os países da América Latina, cujos representantes constituem o bloco mais unido e obediente dos imperialistas americanos na O. N. U. Esta advertência do camarada Stalin tem grande significação para nós, faz aumentar as responsabilidades que pesam sôbre os povos latino-americanos. A entrevista do camarada Stalin inspira confiança inabalável na vitória da causa da paz e na derrota da causa da guerra—a causa sangrenta e criminosa dos milionários e multi-milionários americanos. Stalin aponta claramente o caminho para a conquista da paz.

Queremos, por isso, iniciar os debates nesta reunião do Comitê Nacional com a sábia indicação do camarada Stalin:

> "A paz será mantida e consolidada se os povos tomarem em suas mãos a causa da manutenção da paz e se a defenderem até o fim. A guerra pode tornar-se inevitável, se os provocadores de guerra conseguirem envolver as massas populares em mentiras, enganá-las e arrastá-las a uma nova guerra mundial."

Esta indicação de Stalin orienta os povos de todo o mundo, em particular os comunistas.

I — O PODERIO CRESCENTE DAS FÔRÇAS DA PAZ NA LUTA CONTRA O PERIGO DE GUERRA

O desenvolvimento da situação mundial assinala, como foi dito no Informe de Fevereiro do nosso Comitê Nacional, o aumento ininterrupto das fôrças da paz e o crescente vigor da luta dos povos contra os planos agressivos do imperialismo.

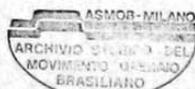
A realização do plano quinquenal soviético, nove meses antes do prazo fixado é um acontecimento de inestimável importância no quadro do crescimento das fôrças da paz. A produção industrial da União Soviética elevou-se de 73% em relação ao nível de antes da guerra e ultrapassou a meta de 48% prevista no plano. E' uma grande vitória do socialismo, do trabalho criador e pacífico dos povos da União Soviética, atestando seu desenvolvimento sem paralelo na história da humanidade. A realização do plano é o mais vivo e eloquente testemunho da política de paz da União Soviética. A lei do desenvolvimento da sociedade socialista, ao contrário da lei de desenvolvimento do imperialismo, é a elevação incessante do nível material e cultural das massas populares. A União Soviética tem assim interêsses permanentes na defesa e manutenção da paz, que é uma necessidade fundamental para o desenvolvimento de sua economia, do bem-estar e da cultura dos seus povos. Sua clara política exterior, mundialmente reconhecida, baseia-se na possibilidade da coexistência pacífica dos dois sistemas — o capitalismo e o socialismo — e as repetidas propostas formuladas pela União Soviética, particularmente a que se refere à conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências, demonstram o sincero anseio da União Soviética de garantir a paz, de encontrar o campo comum para a colaboração pacífica entre os povos de todo o mundo. A União Soviética sempre lutou perseverantemente pela paz. Quando os imperialistas norte-americanos intensificam sèriamente seus preparativos guerreiros, ameaçando atirar o mundo na maior e mais sangrenta carnificina, a União Soviética zela pela paz. Os povos de todo o mundo compreendem por isso o significado profundo das palavras de Stalin:

> *"No que respeita à União Soviética, esta continuará aplicando inalteràvelmente a política orientada a impedir a guerra e a manter a paz".*

Atestado da fôrça crescente do campo da paz é a resistência valorosa do heróico povo coreano e dos bravos voluntários chineses ante os invasores americanos. Os golpes demolidores assestados às tropas intervencionistas ianques, que sofrem derrotas após derrotas levam o desespero às hostes imperialistas. São os povos do mundo inteiro que resistem na Coréia à agressão americana, pois a causa que os coreanos e chineses defendem, com tremendos sacrifícios, é a causa da paz mundial, a causa da independência dos povos oprimidos pelo imperialismo. Sua luta vigorosa e abnegada, que aumenta de intensidade e assinala crescentes êxitos, vai abrindo brechas na abalada cidadela dos agressores. E é por ser justa a sua causa, por contar com o apoio crescente dos povos de todo o mundo, que o camarada Stalin afirma:

> *"Se a Inglaterra e os Estados Unidos rechaçam definitivamente as propostas de paz do Govêrno Popular da China, a guerra na Coréia não pode terminar senão com a derrota dos intervencionistas."*

Testemunho da fôrça cada vez maior do campo da paz é a realização em Berlim da Conferência Operária Européia contra o rearmamento da Alemanha Ocidental. Nela estiveram presentes centenas de delegados operários, eleitos nos próprios locais de trabalho, que decidiram opôr resistência vigorosa aos planos dos provocadores de guerra ansiosos de fazer da Alemanha novo fóco de agressão contra os povos. Os operários de tôda a Europa dão assim importante passo para a realização da unidade da classe operária, da qual depende fundamentalmente a defesa e a manutenção da paz.

Ao lado desse grande acontecimento, testemunho da fôrça crescente do campo da paz são também as ações empreendidas pelo proletariado e o povo espanhol, que se erguem diante do carrasco Franco para lutar contra a miséria, o fascismo e a guerra. Estas

lutas abalam até os alicerces o regime tirânico que empapou o solo da Espanha com o sangue dos seus melhores filhos e que hoje, a serviço dos imperialistas anglo-americanos, prepara o país para nova carnificina. Saudamos calorosamente estas ações heróicas, que representam um golpe poderoso nos provocadores de guerra e fazem ruir a esperança dos agressores de encontrar na Espanha um ponto de apoio seguro para as suas aventuras guerreiras. Para a classe operária e o povo brasileiro, as lutas do proletariado espanhol significam exemplo e estímulo. Elas demonstram que a vontade de luta e a união dos trabalhadores e do povo para a conquista da paz, do pão e da liberdade são capazes de derrotar o mais negro terror fascista.

A luta crescente sustentada pelos povos coloniais e semi-coloniais contra o imperialismo é, igualmente, poderoso fator de reforçamento do campo da paz. Indicando o caminho certo para deter a agressão e conquistar a independência nacional, os povos da Birmânia, da Malásia, das Filipinas, do Viet-Nam, empunham armas e, sob a direção da classe operária e do seu Partido de vanguarda, travam combates de envergadura sempre maior. O heróico exército malaio de libertação nacional desfere golpes nas fôrças armadas do Império Britânico, obrigado a manter aí cêrca de 200 mil soldados. O exército democrático popular da Birmânia controla já vasto território a oeste da via férrea principal do país e agrupamentos guerrilheiros isolados ocupam outras regiões da Birmânia. Nas Filipinas, os Huks — que é como se denominam as fôrças de libertação — ocupam grandes áreas no centro de Luzon e são já bastante fortes para realizar constantes sortidas nos subúrbios de Manilha, capital das Filipinas. Sob a direção de Ho-Chi-Minh, o povo do Viet-Nam e suas fôrças armadas desfecham golpes poderosos nos exércitos imperialistas da França que aí lutam há mais de três anos sem conseguir qualquer êxito. Esta resistência armada dos povos coloniais enfraquece sèriamente o imperialismo e com isto revigora a frente da paz. Para todos nós que vivemos sob o jugo imperialista, o exemplo desses povos tem grande significação, pois indica que a intensificação da luta pela libertação nacional é a melhor contribuição que podemos dar ao campo mundial da paz.

Finalmente, demonstração importante do crescente poderio do campo da paz é ainda a campanha de âmbito mundial por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências — Estados Unidos, União Soviética, China Popular, Inglaterra e França — lançada em fevereiro pelo Conselho Mundial da Paz. Milhões, centenas de milhões de pessoas em todos os quadrantes da terra, manifestam enèrgicamente sua vontade de paz, unificam suas fôrças em tôrno da bandeira de luta por um Pacto de Paz. Ampliam-se e fortalecem-se, assim, as fileiras dos partidários da paz. Em contraste com a desmoralização da O.N.U., que se transforma em instrumento da política de guerra americana, cresce a autoridade e o prestígio do Conselho Mundial da Paz, que representa os verdadeiros anseios e a militância combativa das grandes massas contra o desencadeamento da guerra. A campanha por um Pacto de Paz, como um poderoso meio de mobilização, esclarecimento e organização das massas contra a guerra, pode desferir golpe esmagador nos planos agressivos do imperialismo.

Tais são as principais vitórias do campo da paz neste último período. Elas demonstram a possibilidade do triunfo das fôrças da paz sôbre as fôrças da guerra, reforçam a confiança dos povos em sua capacidade de impedir a guerra através da luta vigorosa pela garantia da paz.

MAIOR, E NÃO MENOR, O PERIGO DE GUERRA

Por outro lado, as sucessivas derrotas impostas aos planos agressivos dos ateadores de guerra levam ao desespero o campo imperialista. Sabemos já que, quanto mais desesperada é a causa dos imperialistas, maiores são as ameaças de aventuras guerreiras. Lutando para dominar o mundo, para oprimir e pilhar os povos, para tentar fugir da crise que os ameaça e realizar lucros fabulosos com a guerra, os imperialistas americanos e seus sócios inglêses intensificam seus preparativos para ampliar a guerra no Oriente, atacar a União Soviética e envolver o mundo todo na guerra.

O perigo de guerra não é menor, o perigo de guerra é maior.

Violando as obrigações internacionais por êles contraídas, os fomentadores de guerra anglo-americanos remilitarizam a Alemanha Ocidental e o Japão em escala cada vez mais larga. A máquina de guerra americana cresce incessantemente, com a dotação de créditos sempre maiores destinados à fabricação de armamentos. De acôrdo com as cifras oficiais americanas, a produção de aviões, bombas, tanques, munições e outros materiais bélicos alcançará, em 1952, o nível de tempo de guerra. Visando o ataque à União Soviética, os Estados Unidos aumentam sua rêde de bases militares em todo o mundo. A ocupação da Islândia pelas fôrças armadas dos Estados Unidos evidencia a ampliação da agressão imperialista e seus verdadeiros desígnios. E é preparando-se para a agressão que os imperialistas aumentam febrilmente suas fôrças armadas. Um porta-voz da Secretaria de Defesa dos Estados Unidos declarou recentemente que, no momento atual, os efetivos militares daquele país atingem quase 3 milhões e 500 mil homens, efetivos sòmente igualados durante a guerra passada. As fôrças armadas dos Estados Unidos, Inglaterra e França já atingiram mais de 5 milhões de homens, o que ultrapassa várias vezes os efetivos militares desses países em 1939, antes do início da segunda guerra mundial.

Enquanto isso, os círculos governantes dos Estados Unidos prosseguem a guerra de rapina contra o povo coreano, utilizando inclusive armas bacteriológicas contra a população civil, e trabalham afanosamente para estender o conflito à China Popular.

Dentro desses planos guerreiros do imperialismo americano se situa também a Conferência dos Chanceleres dos países americanos, realizadas em Washington, reunião que objetiva fazer a América Latina participar da agressão americana que se realiza na Ásia e que se prepara na Europa. A América Latina, na atual conjuntura, assume grande importância para o imperialismo ianque, que precisa assegurar o domínio completo das matérias primas, das bases militares e dos recursos humanos de nossos países, indispensáveis às suas pretensões agressivas.

Os fatos demonstram, assim, o evidente propósito dos imperialistas de levarem adiante sua empreitada criminosa. Acreditando evitar a ameaça da crise econômica pela transformação da economia americana em economia de guerra, o imperialismo ianque se encontra agora em face de contradições agravadas que o conduzem inevitàvelmente para uma crise de tremenda amplitude. A guerra é vista pelos imperialistas como um meio de sair destas dificuldades. Daí as provocações cada vez mais sérias dos senhores de Wall Street, daí o agravamento do perigo de guerra.

Mas a apreciação em conjunto da luta entre o campo da paz e o campo da guerra revela que as fôrças da paz são mais poderosas, ampliam-se constantemente e obtêm crescentes vitórias. A guerra não é, portanto, inevitável. Como assinala o camarada Stalin, a paz pode ser mantida e consolidada se os povos tomarem a causa da manutenção da paz em suas mãos e a defenderem até o fim.

II — GRAVE AMEAÇA À VIDA E À INDEPENDÊNCIA DOS POVOS LATINO-AMERICANOS

Entre os acontecimentos que assinalam a atividade guerreira do govêrno dos Estados Unidos — govêrno que, com a brutal agressão armada à Coréia, se lança abertamente pelo caminho da guerra e dos preparativos acelerados para o desencadeamento de uma nova guerra mundial — foi da maior gravidade e significação, particularmente para os povos latino-americanos, a Conferência dos Chanceleres que se reuniu em fins de março último em Washington, por convocação expressa do govêrno de Truman. Constitue essa Conferência mais um passo no caminho da preparação de uma nova guerra mundial, e as decisões que nela foram aprovadas pelos representantes dos govêrnos de todos os países do Continente exprimem as novas exigências do imperialismo norte-americano e o grau de vassalagem a que pretendem reduzir nossos povos, que se vêem desta forma frente a

novas ameaças de gravidade jamais vista. As decisões de Washington põem abertamente em jôgo a vida e a segurança de todos os povos do Continente, cuja exploração pelos trustes e monopólios ianques aumenta ao mesmo tempo que se acentua a dominação política de nossos países pelo Departamento de Estado e são intensificados os preparativos bélicos que visam utilizar os países latino-americanos nas aventuras guerreiras do imperialismo e fazer de seus povos carne de canhão à disposição dos generais norte-americanos.

AUMENTA A EXPLORAÇÃO COLONIAL DA AMÉRICA LATINA

Os monopólios norte-americanos aproveitaram a segunda guerra mundial e a denominada política de "boa vizinhança" para reforçar e consolidar sua posição de predomínio absoluto na exploração dos países latino-americanos. Enquanto os povos amantes da liberdade se sacrificavam na luta contra o nazismo, os magnatas de Wall Street, em nome da "democracia" e da "fraternidade americana", afundavam suas garras em nossos países, apossavam-se de suas riquezas e consolidavam sua posição monopolista na exploração de nossos povos. Ao mesmo tempo, o govêrno norte-americano, a pretexto da luta contra o nazismo, ocupava bases militares, começava a penetrar e a exercer maior influência nas fôrças armadas de nossos países e tomava medidas práticas que lhe permitissem fazer da América Latina uma base segura para sua política de expansão mundial e de domínio do mundo inteiro. Já praticada mesmo antes de findar a segunda guerra, esta política expansionista teve seu desenvolvimento intensificado com o fim da guerra e com as modificações essenciais que se deram na situação mundial em conseqüência da derrota militar do nazismo e da grande vitória alcançada pelas fôrças da democracia e do socialismo dirigidas pela União Soviética. Essa vitória diminuia consideràvelmente o mundo capitalista, cujas contradições internas se aprofundavam, levando o imperialismo a intensificar a exploração dos povos coloniais e dependentes, muito particularmente dos povos "vizinhos" da América Latina, que passam por isso a exercer um papel de maior significação no cenário mundial e no próprio desenvolvimento da política agressiva do govêrno norte-americano.

Mas não se trata apenas da exploração colonial que aumenta. O imperialismo norte-americano, para a realização de seus planos agressivos, necessita cada vez mais dos países latino-americanos não só como fonte segura de víveres e de matérias primas para a indústria bélica, mas igualmente como reserva de braços baratos para essa indústria é de milhões de soldados para a guerra. O domínio absoluto — político, econômico e militar — sôbre todos os países latino-americanos é o objetivo imediato que tem em vista o govêrno de Washington para que se sinta em melhores condições de tentar o desencadeamento de uma nova guerra mundial, cujos preparativos foram violentamente acelerados nos últimos meses após a agressão armada contra o povo coreano.

Êsse o conteúdo fundamental e a orientação geral da política do Departamento de Estado norte-americano na América Latina, desde 1945, conteúdo e orientação que estão perfeitamente assinalados pelas decisões tomadas nas sucessivas reuniões dos representantes dos govêrnos dos países do Continente e delineados com suficiente clareza e bastante amplitude no denominado Plano Truman para o Continente. Verdadeira plataforma guerreira de longo alcance, o Plano Truman vem sendo metòdicamente realizado apesar da resistência oferecida pelos povos latino-americanos, que querem a paz, a liberdade e a emancipação nacional do jugo imperialista e demonstram com vigor cada dia maior que não estão dispostos a servir de carne para canhão nas aventuras guerreiras do imperialismo.

Foi assim que já em 1945, na Conferência do México, mal terminada a guerra, quando todos os povos se uniam no anseio unânime de impedir a repetição dos crimes e dos sofrimentos causados pela guerra, decidiam os govêrnos dos países americanos, por imposição do Departamento de Estado, criar desde logo um Estado Maior Geral inter-americano, e assinavam a declaração em que se comprometiam a enfrentar unidos uma pretensa "agressão" de país não-americano a qualquer país americano. Era dado assim o primeiro passo para a criação do fantasma de um "agressor" inexistente, que deveria servir para encobrir com a mentira da "defesa do hemisfério" os planos agressivos do imperialismo e sua intenção de fazer dos países latino-americanos seus caudatários obedientes e instrumentos ativos na guerra projetada. Utilizando-se dessas primeiras decisões conseguiram logo os governantes de Washington, em nome da unidade pan-americana, organizar na O.N.U. o bloco servil de seus mais fiéis lacaios com os delegados das vinte Repúblicas da América Latina que, como acentua o camarada Stalin em sua entrevista, "constituem, atualmente, o exército mais unido e dócil dos Estados Unidos da América na O.N.U."

O PLANO TRUMAN PARA O CONTINENTE

Mas foi com a apresentação do denominado Plano Truman, em maio de 1946, que foram expostas, com precisão e em tôda a sua amplitude, as verdadeiras intenções do govêrno norte-americano, seus objetivos militaristas no continente e sua disposição de fazer de todos os países da América Latina um bloco agressivo de países satélites do imperialismo ianque.

Truman lançou, assim, abertamente, os fundamentos da monstruosa máquina de guerra que, desde então, vem sendo sistemàticamente constituida no continente, segundo as exigências do referido Plano, as quais podem ser assim resumidas:

1 — "Cooperação militar e naval", pela integração de um exército único em todo o continente,

2 — Estabelecimento de uma norma única de organização e instrução de tôdas as fôrças armadas;

3 — Uniformização do material de guerra das vinte Republicas, sob o padrão norte-americano e fornecimento do mesmo pelos arsenais ianques;

4 — Utilização do material humano dêsses países para a organização militar e a realização dos objetivos estratégicos dos Estados Unidos;

5 — Recenseamento da população latino-americana segundo as necessidades militares precedentes.

Segundo êsse Plano, as fôrças armadas de todos os países latino-americanos devem passar a constituir meras frações das fôrças armadas norte-americanas e ser preparadas para ir cumprir, em "qualquer parte do mundo", como já disse Truman no seu discurso inaugural da recente Conferência de Washington, as ordens dos generais ianques.

As Conferências do Rio e de Bogotá assinalam novos passos na aplicação do Plano Truman e suas decisões já exprimem a aceitação, pelos governos anti-nacionais de todos os países latino-americanos, das novas exigências de capitulação total ao imperialismo ianque.

Na Conferência do Rio de Janeiro comprometem-se êsses governos, formalmente, a constituir um bloco militar sob a direção dos Estados Unidos, primeira etapa no caminho do Pacto do Atlântico, da formação do bloco militar mundial de que faz parte integrante o bloco americano. O Pacto do Rio de Janeiro permite a intervenção, inclusive militar, dos imperialistas norte-americanos nos assuntos de cada país, sob o pretexto de combater a "agressão indireta" ou "agressão interna", quer dizer, a luta do povo contra a dominação imperialista e os governos reacionários de latifundiários e grandes capitalistas serviçais do imperialismo.

O arcabouço do bloco militar agressivo no continente foi completado na Conferência de Bogotá, com a criação de "Organização dos Estados Americanos" (OEA), entidade super-estatal controlada pelos Estados Unidos, apêndice do Departamento de Estado e encarregada de levar à prática a política de guerra e de colonização total do continente.

Desde a realização dessas Conferências, os governos latino-americanos vêm se esforçando para pôr em prática as exigências do Plano Turman — a padronização dos armamentos, da organização, dos métodos de instrução e de equipamento das fôrças armadas de seus países, segundo o modêlo norte-americano. Os comandos militares latino-americanos passaram a ser controlados de perto por oficiais dos Estados Unidos. Contingentes ianques voltaram, disfarçadamente, a ocupar as bases abandonadas depois da guerra. O

govêrno de Washington, com a ajuda dos governos servis de todos os países latino-americanos, continua avançando na aplicação de seus planos e vai dando consistência e forma ao bloco agressivo continental, ao mesmo tempo que intensifica a expoliação das riquezas de nossos países e exige de seus governos medidas práticas de caráter policial e terrorista contra as fôrças populares e progressistas que lutam pela paz, pela emancipação nacional e pelo progresso social.

E' que em todo o continente, contra a política de guerra e colonização dos imperialistas norte-americanos e dos governos vassalos, levanta-se, com vigor crescente, a fôrça das grandes massas populares e cresce dia a dia de importância, o papel esclarecedor e vigilante da classe operária com os comunistas à frente.

O imperialismo e seus agentes intensificam, em todo o continente, a preparação psicológica para a guerra e utilizam tôdas as mentiras a fim de procurar encobrir suas intenções agressivas e os preparativos de guerra que vão realizando. Insistem que se trata da "defesa do hemisfério", da "fraternidade americana" etc., mas suas frases não podem fazer diminuir o sentimento anti-imperialista das grandes massas populares. Este sentimento só pode crescer à medida que se acentua a exploração e a opressão dos trustes e monopólios norte-americanos, à medida que, aos olhos das grandes massas aparecem, cada vez mais claramente, a Standard Oil, a United Fruit, a United States Steel e tantas outras, como os verdadeiros e piores inimigos dos povos latino-americanos, o opressor rapace que se apodera de tôdas as riquezas de nossos países e explora violentamente o trabalho de nossos povos. A "defesa do hemisfério", nestas condições, fica reduzida a suas verdadeiras proporções — defesa dos interêsses dos ladrões e agressores imperialistas e de seus sócios e agentes, os odiados latifundiário e grandes capitalistas que enriquecem à custa da miséria, do atraso, da ignorância em que vivem as grandes massas trabalhadoras de tôda a América Latina.

AS CLASSES DOMINANTES QUEREM A GUERRA, MAS OS POVOS LUTAM PELA PAZ

A medida que se acentua a exploração imperialista agrava-se a situação das massas e aprofundam-se as contradições que abalam a ordem econômica e social dêsses países e ameaçam os interesses dos latifundiários, grandes negociantes, capitalistas e banqueiros ligados ao imperialismo e interessados todos na preservação da estrutura econômico-social semi-feudal e semi-colonial de todos os países latino-americanos.

E' essa minoria reacionária que quer a guerra, na esperança de fazer bons negócios e de encontrar também uma saída para a situação econômica que se torna para êles cada dia mais ameaçadora em todos os países da América Latina — é o que precisamente nos ensina o camarada Stalin, em sua histórica entrevista:

> *"Não sòmente os Estados Unidos da América e o Canadá aspiram ao desencadeamento de uma nova guerra, mas êste caminho é igualmente seguido pelos vinte países da América Latina, onde os latifundiários e os negociantes anseiam por uma nova guerra, em qualquer parte da Europa ou da Asia, a fim de vender aos beligerantes mercadorias a preços exorbitantes e ganhar milhões nesse negócio sangrento."*

Além disto, temem seus povos e por isso tudo cedem ao govêrno de Washington, de onde esperam o apoio econômico e a ajuda militar e policial que lhes permitam esmagar os movimentos populares. Mas, apesar da subserviência crescente dos governos latino-americanos, todos êles enfrentam dificuldades cada vez maiores e vacilam quando se trata de realizar, na prática, certas exigências do imperialismo e algumas decisões que subscreveram.

Para impor sua vontade, o imperialismo emprega a pressão econômica, e quando julga conveniente **prepara e desencadeia os golpes de Estado, por meio dos quais substitue violentamente os governos "constitucionais"** por outros dirigidos pelos seus agentes mais servís, como vem acontecendo em todo o continente, com particular frequência a partir de 1947 e como sucedeu ainda agora no escandaloso golpe militar da Bolívia. Generalizam-se pelo continente os ditadores que governam baseados na fôrça, que fabricam as leis, e que, ao mesmo tempo, são governos provisórios, instáveis, que só se sustentam graças ao apoio externo assegurado pelo Departamento de Estado, do qual não passam, afinal, de meros empregados, que podem ser expulsos a qualquer momento.

Nestas condições, iniciada a agressão criminosa do imperialismo na Coréia, nenhum govêrno latino-americano se sentiu com fôrças, ante a resistência popular, para satisfazer imediatamente as exigências ianques. Apesar das ditaduras, do estado de sítio, dos Dutra e Videla, só recentemente se encaminharam para a Coréia os primeiros soldados latino-americanos enviados por Laureano Gomez, da Colômbia. Os demais governos ainda vacilam. Fazem preparativos em segrêdo, é verdade, mas é evidente que receiam as consequências de qualquer medida prática, determinando o embarque de soldados para a Coréia.

Foi fundamentalmente par enfrentar essa situação de fato, para exercer maior pressão sôbre todos os governos latino-americanos e exigir dêles novas medidas que acelerem o processo de colonização, de submissão à política de guerra de Washington e de intensificação dos preparativos bélicos em tôda a América Latina, que foi convocada por Truman a Conferência dos Chanceleres americanos, recentemente realizada.

Trata-se, assim, de um novo passo, e dos mais decisivos, no desenvolvimento da política expansionista e agressiva do imperialismo americano no Continente, de mais um elo na cadeia dos preparativos de guerra dos Estados Unidos em todos os países da América Latina.

A CONFERÊNCIA DE WASHINGTON — CONFERÊNCIA DE GUERRA E COLONIZAÇÃO

A finalidade da Conferência de Washington foi a de tomar, já agora, medidas práticas e efetivas para levar a América Latina à guerra que os imperialistas norte-americanos realizam na Ásia e pretendem atear na Europa. Estas medidas implicam na completa submissão dos nossos países ao domínio dos banqueiros e magnatas de Wall Street.

Que medidas adotou a Conferência de Washington? A Conferência de Washington adotou medidas de caráter militar, econômico e policial.

A discussão das providências de caráter militar ocupou lugar predominante nos debates. Neste terreno, a nota dominante foi o envio de tropas latino-americanas para a Coréia. Sofrendo duros reveses em sua infame agressão ao povo coreano, os imperialistas americanos puzeram abertamente as cartas na mesa. Exigiram que nossos soldados sejam mandados à Ásia para servir de cobertura às tropas ianques, como já acontece com soldados turcos, gregos, porto-riquenhos e de outros países. Os capitalistas dos Estados Unidos querem, dêste modo que os jovens latino-americanos vão morrer na defesa dos seus interesses rapaces.

Mas não é esta apenas a razão da exigência americana. O envio de tropas para a Coréia é o primeiro passo efetivo para colocar os satélites dos Estados Unidos em pé de guerra, estimula a mobilização crescente de suas reservas humanas e de sua economia e prepara-os, assim, para participarem da guerra mundial projetada. Além do que, a participação efetiva dos países latino-americanos na guerra permite, desde já, a ocupação das bases de todo o continente, em caráter oficial, pelas tropas americanas.

Esta exigência ianque da utilização de tropas latino-americanas serviu de base à resolução que determina a mobilização e o rápido treinamento de um "exército continental" a serviço dos Estados Unidos. A decisão e clara quando assinala:

> *"Cada uma das Republicas americanas deve dedicar particular cuidado à criação e manutenção de elementos das suas fôrças a...*

cionais, treinados, organizados e equipados de maneira a poderem ser prontamente mobilizados: 1) para defesa do hemisfério ocidental; 2) para apoiar, de maneira eficaz, a ação das Nações Unidas."

Trata-se, sem dúvida, de um exército colonial sob o comando dos generais ianques e destinado à agressão na Ásia e na Europa. Por mais que se esforcem os imperialistas americanos e seus lacaios em desmentir a criação dêsse exército e os fins a que se destina, os fatos o comprovam à evidência.

Se, conforme reza o próprio texto da resolução, as nações americanas devem formar, cada uma, contingentes treinados, organizados e equipados segundo o modêlo norte-americano para serem empregados por determinação e sob o controle da chamada Organização dos Estados Americanos, e para atuarem como fôrça regional, é evidente que se trata de um "exército continental", ou seja, da reunião das fôrças militares de todos os países latino-americanos num único exército, cujo comando real será exercido pelos generais de Truman. É, na prática, a realização do plano dos militaristas ianques visando a organização de um grande exército latino-americano a ser comandado pelo general Charles L. Bolte, que preside o atual Conselho Inter-Americano de Defesa.

A decisão tomada em Washington pelos governos americanos vai assim muito adiante sôbre todos os compromissos já aceitos no Rio e em Bogotá. Naquelas Conferências, tratava-se apenas do compromisso de se unirem os países do continente para a "defesa" de qualquer país americano que fôsse agredido por país não americano. Não se cogitava da *criação* de nenhuma fôrça continental para ser posta a disposição de quem quer que seja. Foi êste o passo considerável agora dado e que assinala a gravidade do novo compromisso assumido, quaisquer que sejam os desmentidos opostos pelos serviçais de Wall Street, que compunham a delegação do sr. Vargas à Conferência de Washington. Trata-se, na verdade, de colocar as fôrças armadas dos países da América Latina sob o controle total dos generais norte-americanos e do govêrno de Washington, podendo ser empregadas, já não apenas na "defesa" do hemisfério, mas em qualquer parte do mundo, como exige Truman. Além disto, aceitando formalmente que o exército continental deve servir "para apoiar, de maneira eficaz, a ação das Nações Unidas", vai essa decisão de Washington muito além das obrigações assumidas pelos signatários da Carta da O. N. U., aprovada em São Francisco.

Como afirmava, categòricamente, em entrevista à imprensa o sr. Raul Fernandes, em 5 de dezembro de 1950, o Brasil, como signatário da Carta de São Francisco, não tem, "do ponto de vista jurídico", nenhuma obrigação de participar, com fôrças armadas, de qualquer ação empreendida pela O. N. U. Esclarecida ainda textualmente o chanceler do sr. Dutra: "A própria Carta (da O. N. U.) excetua a obrigatoriedade quanto a medidas que envolvam a participação de fôrças armadas."

E' evidente que "do ponto de vista jurídico", agora, após a realização da Conferência de Washington e tendo em conta os termos da decisão firmada pelos delegados de todos os governos latino-americanos, a situação já é outra. O "compromisso jurídico" está estabelecido e os vinte países da América Latina que, pelos delegados de seus governos, já constituem, na O. N. U., o bloco "mais unido e dócil" dos Estados Unidos, colocam agora suas fôrças armadas à disposição da O. N. U. que, como disse o camarada Stalin,

> *"...é agora menos uma organização mundial do que uma organização para os norte-americanos, que atua segundo as exigências dos agressores americanos."*

Enfim, o que se torna indispensável é compreender e acentuar a importância política da decisão tomada em Washington, no terreno da "cooperação militar". Não por acaso deu o govêrno norte-americano especial atenção a essa decisão, que tem por principal objetivo político ligar efetivamente o Pacto do Rio de Janeiro ao Pacto do Atlântico — as nações americanas passam **a ser caudatárias das fôrças agressivas dos Estados Unidos no plano mundial e não apenas no regional.**

A SERVIÇO DA GUERRA A ECONOMIA LATINO-AMERICANA

Centralizando sua atenção nas medidas de caráter militar, a Conferência de Washington não se limitou, porém, a êste terreno. Preparando-se para uma guerra total e objetivando a colonização completa da América Latina, os Estados Unidos tratam de apressar a mobilização de todos os imensos recursos das nações latino-americanas.

Sob o pretexto de cooperação para a defesa do continente, as matérias primas consideradas de valor estratégico devem passar a constituir fundo comum das Repúblicas americanas, o que quer dizer — dos Estados Unidos. O ferro, o manganês, o petróleo, o estanho, o cobre etc., segundo as resoluções de Washington não podem ser recusados aos Estados Unidos, que são o único país da América capaz de industrializá-los. Ainda mais: os preços destas matérias primas não serão fixados pelos países produtores, ficando êstes obrigados a aceitar os preços-teto já anteriormente impostos pelos americanos que, neste terreno, nenhuma concessão quiseram fazer, apesar dos rogos insistentes de quase tôdas as delegações latino-americanas. Chegamos, assim, a uma situação singular. Já não se trata apenas de um negócio comercial, mas de um verdadeiro assalto encoberto pelo eufemismo de "livre acesso às matérias primas."

Além disto, os países latino-americanos ficam obrigados a orientar sua economia já combalida, para a produção de artigos essenciais à guerra. Os produtos necessários ao esfôrço bélico passam a ter prioridades sôbre as mercadorias de consumo civil. E' o que se lê numa das resoluções:

> *"No caso dos produtos que sejam objeto de distribuições e prioridades, que afetem o consumo interno e sua exportação, será dada prioridade à utilização dos referidos artigos na produção para a defesa da causa comum, inclusive à manutenção das reservas adequadas de materiais estratégicos."*

As conseqüências dessa política serão desastrosas para tôda a América Latina. Aumenta, de maneira inaudita, a dependência em que se encontra a economia de todos os países latino-americanos da economia dos Estados Unidos — é intensificada a produção para a exportação, com sacrifício do mercado interno e com imediato reflexo nos preços de todos os artigos de consumo popular. A pilhagem da America Latina assume novas proporções com a fixação dos preços de seus produtos de exportação, enquanto sobem, sem limites, os preços dos artigos industriais que compram aos Estados Unidos. Além disto, como o govêrno de Washington nenhum compromisso aceitou no sentido de garantir o valor aquisitivo das acumulações em dólares dos países latino-americanos, sofrerão êstes países, de forma ainda mais intensa do que já sentem, as inevitáveis consequências da inflação. Foi o que não deixou de assinalar o sr. Santiago Dantas, o delegado integralista do sr. Vargas, ao tentar abrandar a brutalidade colonizadora e guerreira de seus patrões, quando discursou em Washington:

> *"O que estamos procurando são medidas de defesa das nossas respectivas estruturas econômicas internas, de modo a atenuarmos a emergência que nos poderá abalar e mesmo causar um colapso exatamente no momento em que nossa cooperação para a defesa for mais necessária."*

Mas a êsses e outros rogos ou lamentações, bem como aos apelos de todos os delegados dos governos latino-americanos pela "ajuda" americana, o sr. Charles Wilson, presidente do truste General Electric e atual mobilizador da economia americana, respondeu com brutalidade e arrogância. Na linguagem em que um "boss" trata seus lacaios, êle declarou, alto e bom som, segundo relata **o correspondente do "Correio da Manhã":**

"Os Estados Unidos estão em perigo e, portanto, tôda a democracia do continente está em perigo. O urgente é dar aos Estados Unidos o máximo de poderio militar. Isto se fará se os países do hemisfério ajudarem agora aos Estados Unidos e não se resolverem ajudá-los apenas na hora da emergência. Neste instante, portanto, falemos na emergência em que se encontram os Estados Unidos e não na necessidade de desenvolvimento econômico da América Latina."

Tamanho cinismo dispensa comentários. A única coisa a corrigir é que, onde o sr. Wilson fala em emergência para os Estados Unidos e a democracia no continente, se deve ler: *economia de guerra*, necessária à intensificação dos preparativos bélicos para a agressão que os Estados Unidos preparam na Europa e já realizam na Ásia. E é para tal "emergência", criada e alimentada pelos imperialistas ianques em busca de maiores lucros, que se pretende mobilizar a economia latino-americana. Os países da América Latina são obrigados a submeter suas economias à economia de guerra dos Estados Unidos, o que significará inflação crescente, miséria e fome em proporções cada vez maiores para as grandes massas trabalhadoras de todo o continente.

PLANOS PARA INSTAURAR O FASCISMO

A realização prática dessas medidas de caráter militar e econômico adotadas na Conferência de Washington tornarão ainda mais penosa a situação econômica dos países da América Latina e provocarão uma nova vaga de greves e lutas de massas. Eis porque a Conferência aprovou decisões de caráter tipicamente policial sôbre o "reforçamento da segurança interna" e que visam, na verdade, a liquidação dos restos de liberdades democráticas, o esmagamento das fôrças progressistas, em suma, a instauração do fascismo nos países do continente.

Não há dúvida de que a resolução anti-comunista intitulada "Declaração de Washington" é dirigida em primeiro lugar, contra os Partidos Comunistas dos países latino-americanos, vanguarda dos povos irmãos dêste continente na luta pela paz e pela libertação nacional. Estão profundamente enganados, porém, os que pensam ser esta resolução dirigida apenas contra os comunistas. Ela tem por fim mobilizar as fôrças da reação para a luta contra todo o movimento pela paz, anti-imperialista e democrático, visa aterrorizar as mais amplas camadas populares e dividir as fôrças da paz, separando-as na medida do possível da vanguarda consciente da classe operária, que se encontra à frente da luta contra a guerra. Ela atinge diretamente, portanto, todo partidário da paz que se manifeste contra o envio de tropas para a Coréia; todo patriota que proteste contra a entrega de nossas riquezas aos trustes ianques; todo democrata que defenda as liberdades civis contra a ditadura fascista.

Com o anti-comunismo, que foi o traço característico da política dos hitlerianos e fascistas, nas vésperas da segunda guerra mundial, pretendem os imperialistas norte-americanos e seus lacaios dos governos da América Latina arrastar nossos países às aventuras guerreiras de Truman, que quer fazer a guerra com o sangue de nossos povos.

Na realização dessa política já tomam os governos da América Latina medidas práticas que avançam em progressão crescente: perseguição aos dirigentes comunistas e populares, fechamento de organizações operárias e populares, de jornais que defendem a paz e a soberania nacional; adoção de leis fascistas contra os partidários da paz, patriotas e democratas; criação dos campos de concentração e aplicação da pena de morte para abafar os protestos populares.

Para isso, mesmo uma nova legislação penal foi prevista. Uma das decisões recomenda que a chamada União Pan-Americana, organização estrangeira, com sede em Washington e dirigida pelos norte-americanos, faça estudos técnicos para definir os crimes de "sabotagem e espionagem comunistas." Por que isto? E' visível que se trata de nova modalidade de intromissão norte-americana nos assuntos internos de outros países, pois, de acôrdo com essa resolução, cabe na prática, aos Estados Unidos fabricar as leis que devem ser aplicadas nos países latino-americanos. E' a metrópole definindo para as colônias o que deve ser considerado como "crime de sabotagem e espionagem comunistas": a resistência popular à ocupação do país, ao massacre de sua juventude e ao trabalho escravo.

E' de notar que a introdução do trabalho escravo, sob o pretexto de mobilização econômica de emergência, é um dos fundamentos dessa resolução política. Não se trata aqui apenas do trabalho escravo nas minas, nos campos e nas fábricas dos países latino-americanos, mas da arregimentação compulsória de mão-de-obra escrava para trabalhar no estrangeiro, sob o chicote do patrão ianque. O órgão de Wall Street "Business Week" publicou um artigo, dias antes da realização da Conferência, no qual dizia textualmente que

"Os Estados Unidos pedirão, na Conferência de Washington, o envio de trabalhadores e de soldados do nosso continente."

Tôdas essas medidas de caráter militar, econômico e policial foram acompanhadas, na Conferência de Washington, de um intenso trabalho de propaganda ideológica, visando convencer os povos latino-americanos a participar da guerra e a aceitar a colonização dos seus países pelos Estados Unidos.

Neste sentido foram adotadas medidas, no plano ideológico, para intensificar a campanha anti-comunista e anti-soviética e para propagar, em escala ainda mais ampla, as "belezas" do chamado estilo-de-vida americano e as "virtudes" da pretensa democracia ocidental.

Tais são, em resumo, as medidas aprovadas na Conferência dos Chanceleres americanos, realizada em Washington.

AS CLASSES DOMINANTES DO CONTINENTE, SERVIÇAIS DO IMPERIALISMO

As decisões da Conferência de Washington foram impostas pelo Departamento de Estado norte-americano e contaram com o apoio das delegações dos governos de todos os países latino-americanos. Os latifundiários e grandes capitalistas dos países da América Latina anseiam efetivamente por uma nova guerra, na esperança de fazer bons negócios e de conseguir vencer, com o apoio dos Estados Unidos, as dificuldades internas que os ameaçam e, justamente por isso, submetem-se cada vez mais ao govêrno de Washington, não poupando esforços para amarrar seus países, como caudatários, à política de guerra e de colonização do imperialismo ianque.

É certo que não deixaram de manifestar-se na Conferência queixas e ressentimentos mútuos, revelando certas contradições existentes no bloco americano que o govêrno de Washington dirige e se esforça por consolidar. Os próprios fazendeiros, grandes capitalistas e industriais latino-americanos nem sempre podem ocultar o descontentamento que lhes causa a brutal posição do Departamento de Estado que, em regra, nenhuma atenção quis dar aos seus pedidos e reclamações. Mas a causa mais séria das vacilações de alguns governos latino-americanos está na atitude de seus povos, no desejo de paz e no sentimento anti-imperialista que crescem em todo o continente e obrigam aos governos latino-americanos a manobrarem, a encobrirem, na medida do possível, sua subserviência ao govêrno dos Estados Unidos e, muito especialmente, os passos que, por imposição dos generais ianques, devem ser dados visando a preparação de fôrças armadas para a guerra.

Evidentemente, não é zêlo que falta aos governos reacionários da América Latina, cada dia mais subservientes ao imperialismo, mas todos êles sabem que as decisões aprovadas em Washington terão ainda de ser impostas aos seus respectivos povos. São decisões dos governos reacionários de fazendeiros e grandes capitalistas serviçais do imperialismo, mas contra elas se levantam todos os povos do continente.

NOSSOS POVOS ESMAGARÃO AS DECISÕES DE WASHINGTON

O movimento anti-imperialista e democrático e a luta em defesa da paz desenvolvem-se em ritmo sempre mais acelerado na América Latina.

Levanta-se a classe operária em greves memoráveis contra a miséria e a exploração imperialista. São os mineiros das jazidas de estanho americanas da Bolívia que, numa greve heroica, enfrentam as balas assassinas de seus algozes e conquistam a vitória de suas reivindicações. São os ferroviários da Argentina que sustentam poderosa greve contra o govêrno de Perón, serviçal de Truman, e impõem o respeito aos seus direitos. São os mineiros de salitre do Chile que, em luta contra os salários de fome, resistem com seus próprios instrumentos de trabalho às fôrças armadas contra êles enviadas pelo carrasco Videla. São os ferroviários, mineiros e texteis do Brasil, que se empenham em grandes lutas grevistas contra a miséria e a opressão dos governos de Dutra e Vargas, fantoches do imperialismo americano.

Lutam também os camponeses — os milhares de camponeses do México que marcham sôbre a capital do país em vigorosa parada de fome, os camponeses brasileiros de Porecatú e do Nordeste que empunham armas contra os latifundiários, anunciando assim o despertar das massas de milhões de camponeses latino-americanos. Cresce, paralelamente, o movimento anti-imperialista contra a colonização de nossos países pelos Estados Unidos, contra a entrega de nossas riquezas aos trustes americanos, contra a presença de tropas ianques em nossos territórios. Com a solidariedade fraternal de seus irmãos de tôda a América Latina, os bravos patriotas de Pôrto Rico erguem-se em armas contra o colonizador ianque. E por todo o continente se travam, cada vez com mais intensidade, lutas pelos direitos democráticos dos trabalhadores e do povo, contra as ditaduras fascistas impostas e sustentadas pelo Departamento de Estado.

Enfim, estende-se impetuosamente por tôda a América Latina o grande e cada vez maior movimento popular contra a guerra. Mais de 10 milhões de latino-americanos assinaram o Apêlo de Estocolmo, apesar do terror policial desencadeado em nossos países contra os partidários da paz, dezenas dos quais já tombaram assassinados pelos governos a serviço dos traficantes de guerra. Em manifestações cada vez mais vigorosas, os povos da Argentina, do Brasil, do Chile e de outros países latino-americanos levantam seu enérgico protesto contra o envio de tropas de nossos países para a guerra na Coréia. Na cidade de Rosário tôda a população participou da greve geral contra o embarque de fôrças argentinas para ajudarem os agressores ianques. Dezenas de milhares de brasileiros, em comícios, passeatas, abaixo-assinados e declarações públicas já manifestaram sua indignação contra o envio de tropas do Brasil para a agressão ao povo coreano.

Assim, seria falso confundir as obrigações assumidas por governos fantoches, governos anti-nacionais, com a opinião e a vontade dos povos latino-americanos. Nossos povos não querem a guerra, nossos povos odeiam a agregação imperialista. As vozes mais autorizadas da classe operaria e dos povos do continente ergueram-se para dizer que não reconhecem os compromissos assumidos na Conferencia de Washington. A greve de 70 mil trabalhadores de Montevideu, em 6 de abril, e os protestos vigorosos levantados em todo o continente contra a Conferência e suas decisões pelas amplas massas trabalhadoras e populares da Argentina, do Brasil, do México, de Cuba, do Chile, do Uruguai e de outros paises demonstram que estamos firmemente dispostos a lutar para defender a paz e barrar o caminho aos bandidos imperialistas.

Sob a pressão de Washington, os governos reacionarios da America Latina não poupam esforços para enganar seus povos e, combinando as armas do fascismo — a demagogia e o terror contra as massas — mentindo e caluniando tratam de levar à pratica as decisões de Washington, de avançar no caminho da preparação pratica para a guerra, visando sempre surpreender os povos com fatos consumados até lançá-los no sorvedouro de uma nova guerra.

É intensificando e ampliando cada vez mais a luta pela paz, contra o envio de tropas para a Coréia, contra as decisões da Conferência de Washington, que os povos hão de manter-se vigilantes e avançar no caminho da libertação nacional, concorrendo assim para impedir o desencadeamento de uma nova guerra mundial.

A União Sovietica é nossa amiga, é nossa aliada. Os senhores de Wall Street não nos arrastarão à infame agressão que preparam contra os povos sovieticos. As lutas que se vão desenvolvendo dizem de maneira clara que os imperialistas americanos não conseguirão fazer da America Latina o bloco agressivo que desejam.

O esforço conjugado e crescente dos povos americanos — inclusive do proletariado norte-americano e canadense — jogará por terra as resoluções de Washington e as reduzirá a farrapos de papel.

III — O GOVÊRNO DE VARGAS — GOVÊRNO DE GUERRA, DE COLONIZAÇÃO, DE FOME OPRESSÃO

Esta politica de guerra do imperialismo norte-americano, e o interêsse que nela têm os latifundiários e grandes capitalistas brasileiros, determinam e orientam toda a politica do governo de Vargas.

Vargas faz a politica de guerra e colonização ditada pelos imperialistas norte-americanos. Como o demonstra a realização da Conferencia de Washington, ele cumpre servilmente as ordens do Departamento de Estado. A delegação de Vargas na Conferencia, chefiada por um empregado da Standard Oil, o sr. João Neves, foi o advogado mais cinico e encarniçado na defesa das pretensões norte-americanas. Ali onde foi necessario convencer algum delegado latino-americano assustado pelas consequencias das propostas do Departamento de Estado, atuou a delegação do Brasil, utilisando sua qualidade de representante do maior país latino-americano, para remover as duvidas ou oposições. Os delegados brasileiros negociaram aberta e cinicamente com o sangue da nossa juventude e, despidos dos ultimos vestigios de qualquer sentimento nacional, atuaram na Conferencia como se fossem os proprios Acheson e Dulles, Rockfeller e Morgan, que querem a liquidação total dos ultimos restos da soberania nacional de todos os paises da America Latina em proveito dos trustes e monopolios de Wall Street.

ENTREGA DO PAÍS AOS BANQUEIROS IANQUES

Os imperialistas exigiram a entrega total de nossas riquezas naturais e o governo de Vargas vai realizando o programa das exigencias ianques.

Acordos e negociações que abrangem as principais reservas minerais brasileiras são concluidos e, em consequencia, os senhores da Wall Street apossam-se dessas reservas. Sob a cobertura da sociedade "brasileira" Industria e Comercio de Minerios, a Bethlehem Steel Co. conseguiu assenhorear-se definitivamente dos ricos depositos de manganês do Amapá. E, não satisfeito com a concessão, o governo do sr. Vargas solicitou ao Congresso autorização para garantir um emprestimo de 35 milhões de dolares a ser concedido à Bethlehem Steel pelo Banco Internacional de Reconstrução e Fomento, destinado à intensificação da exploração do minerio, que é enviado à maquina de guerra norte-americana sem nenhum proveito para o nosso país. As reservas de areias monaziticas, já bastante desfalcadas, são novamente negociadas pelo governo de Vargas. Há algum tempo, os imperialistas haviam conseguido do governo brasileiro uma lei proibindo a exportação das areias por firmas particulares, para evitar que as mesmas fôssem vendidas a outros paises e por preços mais compensadores. A lei assegurava o monopolio da exportação ao governo, mas tão somente em casos excepcionais. Discussões foram agora iniciadas, e Washington já anuncia que as mesmas resultaram em contratos para fornecimento de monaziticas brasileiras em quantida-

des suficientes para sanar a escassês deste artigo nos Estados Unidos. Apoiada na resolução XIII da Conferencia dos Chanceleres, que trata da "cooperação de emergencia", volta a Standard a exigir a entrega imediata do nosso petroleo. Negociações vêm sendo conduzidas nesse sentido entre o governo de Vargas e uma comissão especial da Standard que visita o Brasil, composta pelo seu diretor, o tesoureiro e o consultor juridico. A "igualdade de condições" com o capital nacional na exploração do petroleo é invocada solenemente pelos agentes da Standard que, fingindo-se inocentes, proclamam não desejar senão esse privilegio. Mas ao lado dessa pretensão os representantes da Standard põem em evidencia as decisões de Washington, insistindo na entrega do petroleo brasileiro sob a alegação de que ele é indispensavel à defesa do continente e de que, no caso de guerra, os Estados Unidos serão forçados a suspender ofornecimento de petróleo para o Brasil. Os banquetes e recepções realizados em torno desses representantes da Standard, aos quais compareceram desde o Presidente do Supremo Tribunal Federal, o Ministro da Justiça, o Prefeito do Distrito Federal, até os mais graduados dirigentes dos partidos politicos e representantes dos grandes bancos, lavoura e comercio, mostram que as negociações marcham favoravelmente, sem levar em conta, porém, o sentimento patriotico de nosso povo, que há de repetir as jornadas de 1948 e acabar por varrer os vendilhões da patria. E enquanto prosseguem as negociações para a entrega imediata do petroleo, o governo de Vargas passou às mãos de firmas americanas, subsidiarias da Standard, as ricas e imensas jazidas de xisto betuminoso existentes no Vale do Paraiba.

São êstes os novos avanços dos trustes imperialistas sobre as nossas riquezas, realizados neste curto periodo de governo do sr. Vargas.

A semelhante pilhagem das riquezas do país é que os imperialistas e seus lacaios denominam de "ajuda" dos banqueiros ianques à economia nacional. E' que, nesta fase de colonização da America Latina, mesmo os emprestimos vorazes aos governos latino-americanos só serão obtidos em troca da entrega acelerada das riquezas nacionais, da completa submissão politica ao Departamento de Estado e da ativa participação na guerra. Como disse textualmente o sr. Arruda Pereira, Prefeito de São Paulo, ao regressar há dias de uma viagem de mendicancia aos EE.EE.:

"Os Estados Unidos somente emprestarão dinheiro ao Brasil para o desenvolvimento de sua economia, se houver a participação de nosso país na guerra, com o envio de alimentos, homens e principalmente ferro gusa, manganês e outros minerais, se possivel industrializados, pois de apoio moral os Estados Unidos estão cheios.

Compreende-se assim as causas profundas da politica de traição nacional do sr. Vargas, que tudo faz para arrastar o nosso país à guerra.

ACELERAM-SE OS PREPARATIVOS DE GUERRA

Os imperialistas incumbiram a Vargas de preparar o país aceleradamente para a guerra, e por isso os prepartivos militares se realizam a toque de caixa. Além da compra de dois velhos cruzadores americanos por 700 milhões de cruzeiros, Vargas anuncia a compra de mais alguns "destroyers" para a Marinha e solicita para fins militares outros créditos que perfazem cêrca de dois bilhões de cruzeiros. Denunciando a realização de um programa de guerra, Vargas em sua última mensagem ao Congresso declara textualmente que "os armazéns e paióis existentes no país acham-se superlotados de munições, pólvora e explosivos, sem capacidade para receber a produção resultante dos programas de fabricação". E, apesar de já estarem sendo construídos mais seis paióis, sugere, a imediata construção de mais 24 paióis duplos, num valor de 60 milhões de cruzeiros. O número de indústrias que adaptam sua produção civil à produção bélica vem aumentando. Neste caso já se encontram a General Motors, a Pirelli, a Usina de Volta Redonda. Noutras emprêsas, que produzem materiais indispensáveis à guerra, é introduzido aos poucos o regime de trabalho intensivo. A "Duperial", que produz enxôfre, foi autorizada a trabalhar sem horário, **dia e noite, domingos e feriados, e, ainda recentemente, Vargas deu a mesma autorização a uma dezena** de novas emprêsas. A preparação técnica para o envio de tropas brasileiras ao estrangeiro também se intensifica. Sorrateiramente está sendo treinado pelos ianques, sob a supervisão de Nero Moura, ministro da Aeronáutica de Vargas, um grupo de bombarbeiros pilotados por brasileiros que se destina a combater na Coréia. Cumprindo ordens de Washington, foi remodelado o Estado Maior do Exército, sendo criada uma Sub-Chefia de Planejamento. Esta Sub-Crefia, constituída de elementos indicados a dedo pelos generais de Truman, é na realidade um novo Estado Maio do Exército, verdadeiro apêndice do Estado Maior americano, e sua função é elaborar os planos concretos para a participação imediata do Brasil na guerra e dirigir as operações das fôrças militares brasileiras no estrangeiro. Além disto, com o mesmo objetivo de preparação de tropas brasileiras para a guerra, e de exercer o contrôle prático de nossas fôrças armadas, aumentaram enormemente os efetivos militares norte-americanos no Brasil. Sòmente na Capital da República e em S. Paulo, no presente momento, existem:

Do Exército norte-americano — 1 major-general, 6 coronéis, 21 tenentes-coronéis, 16 majores, 18 capitães, 2 tenentes, 51 sargentos.

Da Fôrça Aérea norte-americana — 1 major-general, 1 brigadeiro-general, 6 coronéis, 17 tenentes-coronéis, 14 majores, 19 capitães, 2 tenentes, 89 sargentos.

Da Marinha norte-americana — 1 almirante, 12 comodoros, 9 capitães de mar e guerra e mais 95 oficiais inferiores e sargentos.

Nestas duas cidades exercem ainda suas atividades em funções militares mais 81 civis norte-americanos, entre os quais dezenas de agentes do F. B. I. Enquanto isto, no Norte e no Nordeste cresce o contingente de tropas americanas que, camuflada ou abertamente, ocupam nossas bases.

E é em ligação com tais preparativos de guerra em nosso país que viajou aos Estados Unidos o general Estilac Leal, ministro da Guerra de Vargas. Sua viagem teve por finalidade ultimar os entendimentos resultantes da Conferência de Washington, segundo os quais o Brasil deve participar da agressão na Ásia e subordinar ainda mais suas fôrças armadas aos imperialistas americanos.

Mas a preparação do país para a guerra vai sendo feita em silêncio, porque o povo não quer a guerra. As medidas são tomadas em segredo para serem apresentadas depois como fatos consumados. Durante a Conferência dos Chanceleres, segundo testemunho insuspeito, alguns delegados latino-americanos cogitaram das dificuldades que seus países encontrariam para o envio de tropas à Coréia, em face da opinião pública contrária. Diante da pressão norte-americana, porém, êsses delegados puzeram-se a buscar meios de atender aos patrões, surgindo para cada país uma solução imediata. Qual a solução encontrada para o caso no Brasil? Agir clandestinamente na remessa de tropas. Decidiram, assim, que um dos dois cruzadores recém-adquiridos iria diretamente dos Estados Unidos para a Coréia e que, com igual destino, poderiam seguir de imediato um grupo de aviação e um regimento de fuzileiros navais, tropa profissional que dispensa convocação especial. Quando o sr. João Neves, após concertar tais planos, declara a fim de iludir as massas que nada fôra resolvido na Conferência sôbre o envio de tropas brasileiras, está aplicando aquela tática hipócrita inspirada nos métodos do imperialismo ianque: diz uma coisa e faz outra diferente.

Mostram assim os fatos que Vargas põe em prática as ordens de Washington e acelera os preparativos de nosso país para a guerra. Mas isto não ocorre por acaso. O clima de guerra criado por Wall Street, que se estende por todo o mundo sob o domínio norte-americano, favorece aos grandes capitalistas e latifundiários realizarem seus mais lucrativos negócios à custa de miséria das massas.

OS QUE LUCRAM E OS QUE SOFREM COM A PREPARAÇÃO GUERREIRA

Quem lucra com a política de guerra de Vargas? São os latifundiários e grandes capitalistas brasileiros, **são os trustes estrangeiros que nos exploram.**

Apreciando a situação do país, diz a revista "Conjuntura Econômica" que os negócios no Brasil tomaram notável impulso em 1950.

"O comércio exterior — afirma a revista — desusadamente limitado até o mês de junho, ampliou-se ràpidamente desde a guerra na Coréia. O espectro da nova conflagração universal e a alta das matérias-primas que disso resultava repercutiram pouco a pouco sôbre todos os nossos produtos de exportação".

De fato, os latifundiários, os grandes capitalistas e as emprêsas estrangeiras estão obtendo lucros cada vez maiores nos negócios de guerra, em detrimento dos interêsses vitais do nosso povo, a quem tudo falta.

A Light declara publicamente nos jornais de Toronto que seus lucros em 1950 atingiram a mais de 600 milhões de cruzeiros (33.222.000 dólares), ou sejam 2 milhões e 500 mil dólares mais do que no exercício anterior. A Standard Oil obteve um lucro líquido de 120 milhões. A Belgo Mineira obteve 126 milhões. As quatro grandes fábricas de pneus (Good-Year, Firestone, Pirelli e Dunlop) alcançaram em 1950 um lucro líquido de 253 milhões de cruzeiros sôbre um capital de 316 milhões, isto é, mais de 80%.

Segundo estatísticas oficiais, os fazendeiros de café, em 1950, obtiveram 41% de lucros sôbre o capital, contra 16% em 1949; os grandes plantadores de algodão conseguiram 12% de lucro contra 4% no anterior; os pecuaristas alcançaram 19% contra 3% em 1949.

Quanto aos industriais, as Indústrias Matarazzo obtiveram no ano passado, sôbre um capital de 600 milhões, o lucro líquido de 318 milhões de cruzeiros. A S/A Indústrias Votorantim teve em 1950 um lucro líquido de 46% e a companhia Orquima obteve cêrca de 100% de lucros sôbre o capital.

Os bancos, que refletem de um modo geral o índice dos negócios, tiveram no ano de 1950 lucros líquidos de 21,5% em relação com o capital mais reservas, contra 17,5% em 1949 e algo menos nos anos anteriores. O encaixe dos bancos, entre 1949 e 1950, aumentou de 42% e o número de bancos que mantêm reservas líquidas de mais de 200 milhões de cruzeiros triplicou no mesmo período.

Eis aí um rápido quadro que demonstra claramente a quem interessa a guerra.

Mas se as medidas de preparação da guerra trazem lucros para alguns, se enriquecem fabulosamente a minoria de exploradores, acarretam, de outro lado, a extensão sem limites da miséria para as grandes massas.

Pode-se compreender o que significa para as massas a preparação de guerra se se considera que os armamentos e artigos de uso militar, fabricados pelos grandes trustes norte-americanos, subiram exageradamente de preço. Segundo dados extraídos da revista ianque "U. S. New & World Report":

— Um bombardeiro pesado, que custava no fim da guerra passada 629 mil dólares, custa hoje 3 milhões e quinhentos mil dólares;
— Um canhão de 105 milímetros, que custava naquela época 40 mil dólares, é vendido hoje por 145 mil dólares;
— Um "destroier", que era vendido há cinco anos por 7 milhões de dólares, custa hoje nada menos de 40 milhões de dólares;
— Uma carabina, que custava 35 dólares, custa hoje 64 dólares;
— Uma simples camisa de algodão, de 2 dólares, subiu para 4 dólares.

Como pode o nosso país, pobre de recursos financeiros, arcar com tão grandes despesas? E' evidente que despesas dessa envergadura só podem ser realizadas à custa de pesados impostos sôbre os consumidores, da emissão de papel moeda, do corte das verbas orçamentárias de interêsse público em proveito das verbas militares e, amanhã, à custa também dos empréstimos forçados sôbre os trabalhadores como já aconteceu na última guerra.

A consequência desta preparação de guerra é que se torna cada vez pior a situação da classe operária, dos camponeses pobres, da pequena burguesia urbana. Os preços dos gêneros alimentícios sobem cada semana e, muitas vêzes, cada dia. Os aluguéis, de tão elevados, tornam-se grave problema para a **economia dos que vivem de salários e vencimentos, obrigando-os a morar em acanhados quartos ou favelas.** Comprovando êsses fatos, a revista "Conjuntura Econômica" de março do corrente ano assinala, com números que estão muito aquém da realidade, um aumento de cêrca de 11 pontos no custo geral da vida e de 35 pontos nos preços por atacado em relação à média mensal de 1950. E a progressão continua para todos os gêneros de consumo popular — o feijão que chega a 7 cruzeiros, o arroz a 8, o pão que passa de 4,80 para mais de 5, a manteiga que vai a 40 cruzeiros, além da carne, da batata, do café e outros mais. E, enquanto isto, os salários não aumentam, sendo até mesmo diminuídos. Uma repartição do govêrno assinalava há pouco que para "viver com o indispensável, necessitava o carioca no mínimo de 3.950 cruzeiros mensais" — isto quando o salário diário do operário especializado raramente vai além de 50 a 70 cruzeiros e o Ministério do Trabalho tem o cinismo de propôr para a Capital da República um salário mínimo de 1.200 cruzeiros. Cresce também o desemprêgo no país, particularmente entre dezenas de milhares de trabalhadores de obras públicas, cujas verbas orçamentárias são cortadas. Dentro desse quadro é fácil imaginar o agravamento da situação do pequeno comércio, que sofre cada vez mais as consequências do acelerado encarecimento do custo da vida, **da elevação dos impostos e da diminuição da capacidade aquisitiva das grandes massas.** Um índice do empobrecimento da pequena-burguesia urbana está na crise que já se nota na poupança popular — enquanto os depósitos bancários no ano de 1950 cresceram de 52%, os depósitos feitos nas caixas econômicas mal cresceram de 10% no mesmo período.

A carestia da vida é o resultado direto da política de guerra e de submissão do país ao imperialismo. Analisando suas causas, diz o camarada Prestes:

> "O rápido encarecimento do custo da vida no país é consequência, de um lado, da política de preparação para a guerra do govêrno, política que exige despesas cada vez maiores, orçamentos militares agigantados que determinam os "deficits" orçamentários, os impostos crescentes e as emissões continuadas de papel moeda; e de outro lado, consequência direta da inflação de guerra nos Estados Unidos, particularmente sensível em nossa terra devido ao grau de dependência ao imperialismo em que já foi colocada tôda a economia do país".

Sem dúvida, a carestia da vida resulta também da ganância sem limites, da sêde de lucros extraordinários dos grandes capitalistas e latifundiários, que exploram ferosmente as massas e são protegidos pelo clima de repressão contra o povo instaurado pelo govêrno. Os camponêses do Triângulo Mineiro mantêm empilhado o arroz que produziram, porque meia dúzia de açambarcadores querem forçá-los a vender um saco de 60 quilos por 70 a 100 cruzeiros, quando o preço de custo, para o camponês, é de 143 cruzeiros. Enquanto isto, no Distrito Federal, um quilo de arroz custa de 6 a 8 cruzeiros! O preço do açúcar vem se elevando sistemàticamente de ano para ano. Mas êsse aumento de preço não é provocado por aumento nas despesas de produção apenas. E' ditado principalmente pela sêde de maiores lucros dos usineiros e refinadores, organizados no chamado Instituto do Açúcar e do Alcool. São expressivos os seguintes dados, colhidos num órgão de imprensa tão reacionário como o "Correio da Manhã", que discriminam o lucro líquido, nestes últimos anos, de duas grandes refinarias de açúcar do país:

	Cia. União dos Refinadores	*Refinaria Tupi*
1946	12%	12%
1947	14%	27%
1948	21%	26%
1950	27%	37%

Não é evidente a relação entre o aumento dos preços e o aumento dos lucros dos magnatas do açúcar? O aumento do preço do açúcar para elevar os lucros dos usineiros e refinadores é simplesmente **um crime do govêrno dos tubarões contra o povo.**

LUTA A CLASSE OPERÁRIA, LUTA O POVO BRASILEIRO

Esta situação de fome, de preparativos guerreiros, de entrega total do país aos imperialistas dos Estados Unidos não pode deixar de gerar um extenso e profundo descontentamento entre as massas trabalhadoras e populares. Ao lado destas condições objetivas, a política de nosso Partido, esclarecendo as massas sôbre as causas desta situação e orientando-as para a luta, assim como a atividade dos comunistas, exercem influência cada vez maior sôbre as massas e são fatores essenciais para impulsionar suas ações.

Grandes massas, em todo o país, vêm demonstrando de maneira cada vez mais clara sua inquietação e começam a lutar com maior energia. Apesar do terror policial, realizaram-se na praça pública, em vários pontos do país, ações corajosas de protesto contra as decisões da Conferência dos Chanceleres. Além destas ações, os abaixo-assinados, telegramas e moções vindos das fábricas e usinas, dos bairros, do campo, das escolas, assim como as declarações públicas de personalidades contra as resoluções de Washington, contra o envio de tropas à Coréia e pela libertação de Elisa Branco, a heróica mãe brasileira, testemunham que nosso povo se opõe cada dia mais à política de guerra e de colonização do país.

A classe operária utiliza em escala crescente a arma da greve contra a situação de fome e miséria em que vive. Os movimentos grevistas sucedem-se em todo o país: dos ferroviários e tranviários do Rio Grande do Sul; dos trabalhadores do Frigorífico de Barretos, em S. Paulo; dos texteis, em Belém do Pará; dos trabalhadores da indústria de papelão, em Pernambuco; dos ferroviários da Cia. Paulista, em Rio Claro, S. Paulo; dos texteis de Magé e dos trabalhadores da Usina Cupim, em Campos, Estado do Rio; dos operários das fábricas de tecido do Rio Tinto e da fábrica de cimento Matarazzo, na Paraiba, etc. Estas greves, realizadas contra a feroz exploração patronal e desenvolvidas em meio a choques com a reação policial, constituem uma viva demonstração de que a classe operária está disposta a defender na luta os seus mais sagrados direitos.

Erguem-se também as massas camponêsas contra a expulsão da terra, por férias remuneradas, pela livre venda dos produtos, etc., em S. Paulo, no Norte do Paraná, no Triângulo Mineiro, no Nordeste do país, chegando algumas vêzes a choques violentos com a reação. E' importante assinalar ainda as primeiras ações dos retirantes do Nordeste, que começam a ocupar cidades e fazendas para obter alimentos com que matar a fome.

Em todo o país, vai crescendo assim a onda de protestos contra a guerra, a colonização, a carestia da vida.

Ganha impulso, por outro lado, o movimento pela anistia aos presos, processados e perseguidos políticos, movimento que já registra importantes adesões. Têm se verificado inúmeras manifestações, inclusive de Câmaras Municipais, a favor da legalidade do Partido Comunista, do reconhecimento da URSS e da China Popular. E a campanha pela coleta de 5 milhões de assinaturas ao Apêlo por um Pacto de Paz principia a desenvolver-se. Além do que, como já assinalava o Informe de Fevereiro do C. N., são cada vez mais numerosos os setores das massas getulistas que perdem a ilusão em Vargas.

Êstes fatos são significativos. Muito embora as lutas estejam ainda aquém das possibilidades, é evidente que a classe operária e as massas populares erguem-se para lutar e demonstram abertamente o seu descontentamento, que cresce. Nestas lutas as massas buscam um caminho. Seus anseios de paz, de independência nacional, de democracia e melhores condições de vida chocam-se com a política sempre mais acentuada de guerra, de fome e opressão dos imperialistas americanos, realizada no país pelo govêrno de Vargas.

Esta contradição tende a aprofundar-se com muita rapidez. E daí a fascistização crescente do país, daí as duas faces da política de Vargas: demagogia, de um lado, e reação, do outro.

De fato, Vargas intensifica a reação em todo o país. Êle visa sufocar a revolta do povo contra o envio de tropas à Coréia, o descontentamento crescente das massas contra a carestia provocada pelas despesas militares e pela inflação, a repulsa dos brasileiros contra a ocupação do nosso solo e a entrega das nossas riquezas aos americanos.

Sob a supervisão direta do F. B. I., Vargas manda reprimir pela fôrça os protestos populares contra a realização da Conferência de Washington e ocupar os locais de reuniões públicas pelas fôrças armadas. As prisões se enchem cada vez mais. Em S. Paulo, além de Elisa Branco, novos partidários da paz são encarcerados e submetidos a processos por haver protestado contra as decisões da Conferência de Washington. Os métodos de tortura nazista voltam a ser empregados. Como há pouco denunciou um jornal de S. Paulo, a polícia naquele Estado está usando "churrasqueiras" — uma chapa cuja temperatura, subindo gradativamente, vai queimando a carne dos detidos — e "máquinas de choques" para submeter os presos ao suplício de choques elétricos, além dos antigos métidos de torturas nazistas e lanques já bem conhecidos.

Pondo já em prática as resoluções da Conferência de Washington, investe o govêrno de Vargas contra as organizações populares e democráticas. O Congresso dos camponêses de Capinópolis, no qual camponêses cruelmente explorados iam reunir-se pacificamente para pugnar por melhores condições de vida, foi impedido pela polícia e pela ocupação militar de estradas e centros camponêses, sofrendo os trabalhadores do campo e suas famílias perseguições e vexames brutais. O govêrno tenta também impedir o livre funcionamento do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, da Federação Nacional de Mulheres e do Centro de Defesa do Petróleo enquanto o Departamento de Ordem Política e Social se desbraga na publicação de notas provocativas e ameaças contra o Festival da Juventude Brasileira e contra a campanha popular por um Pacto de Paz. E' pondo em prática as decisões de Washington que o govêrno de Vargas manda expedir mandado de prisão contra os dirigentes de nosso Partido, contra Prestes, o querido lider do povo brasileiro. Aumentam também as ameaças à imprensa democrática e patriótica, e as buscas e apreensões se sucedem com maior frequência, enquanto a imprensa reacionária tem carta branca para fazer a mais descarada propaganda de guerra e colonização, caluniar a URSS e os partidários da paz.

O sufocamento das liberdades democráticas, visando impedir que a verdade seja conhecida, ao lado da mais cínica propaganda da politica imperialista, são elementos indispensáveis ao que chama o govêrno de "preparação da opinião pública" para o envio de tropas à Coréia.

Mas não é tudo. Grave ameaça à liberdade dos trabalhadores é, também, a tentativa de introdução do regime militar nas emprêsas, anunciado por Vargas em sua mensagem ao Congresso. Argumentando que ao conceito de serviço militar obrigatório se deve opôr o de serviço nacional obrigatório, diz êle:

> "Embora nem todos os nossos patrícios, em idade do serviço militar, sejam incorporados às fileiras, devendo sua grande maioria ser mantida nos locais de trabalho, entregue aos afazeres costumeiros, *haverá permanente supervisão da autoridade militar*, responsável pelo preparo da segurança nacional".

O que está implícito neste breve trecho da mensagem do govêrno de Vargas é o regime de trabalho forçado, são as penalidades impostas pelos Conselhos de Guerra, são as restrições mais brutais aos direitos do proletariado.

O terror crescente contra o povo é, assim, um dos elementos principais da política de Vargas. Mas, outro elemento de não menor importância utilizado por Vargas em larga escala, é o recurso à demagogia.

Diante da crescente movimentação das massas, do descontentamento popular que se avoluma e prenuncia ações revolucionárias, Vargas faz manobras para enganar as massas, pronuncia repetidos discursos para justificar o atual estado de coisas, e chega até **mesmo a derramar lágrimas de crocodilo. Exemplo**

claro dessa política demagógica é a plataforma com que se apresentou ao povo, e particularmente aos trabalhadores, no dia 1.º de maio. Em seu discurso, Getúlio ataca os tubarões, mas tubarões são os seus auxiliares mais próximos, os srs. Lafer, Cleófas e Jafé, sem falar nêle próprio, hoje o segundo ou terceiro criador de gado do país, o maior abastecedor dos frigoríficos do Sul que exportam carne para o estrangeiro. Com um cinismo espantoso, apela aos trabalhadores para que não o deixem ficar prisioneiro, no govêrno, desses tubarões que êle mesmo escolheu nos entendimentos secretos com os grandes capitalistas e latifundiários que o apoiam. Chama a classe operária para os sindicatos ministerialistas que, como diz, devem participar do govêrno, acena aos trabalhadores do campo com a extensão da legislação social e aos camponêses com o estimulo à produção.

Enquanto que estas são as suas palavras, quais são na realidade os seus atos? Ao mesmo tempo que convoca os operários para os sindicatos, Getúlio manda fechar a Associação dos Trabalhadores de Barretos, por haver dirigido uma greve contra os tubarões do Frigorífico Anglo. Ao mesmo tempo que fala em luta contra a carestia, lança contra os ferroviários gauchos, em greve por aumento de salários, tanques e metralhadoras do Exército. Ao mesmo tempo que promete entregar os sindicatos aos trabalhadores, exige um mal disfarçado "atestado de ideologia" para os candidatos às diretorias dos sindicatos, e o imposto sindical é empregado em bacanais e passeios à Europa e aos Estados Unidos pelos pelegos ministerialistas. Ao mesm otempo que promete estimulo à produção, apodrece no Triângulo Mineiro o arroz dos camponêses, vítimas da ganância dos açambarcadores protegidos pelo govêrno, e os empréstimos do Banco do Brasil continuam sendo feitos exclusivamente aos grandes fazendeiros produtores dos artigos de exportação.

Pode achar-se "prisioneiro" quem age com tanta desenvoltura contra os interêsses do povo? Claro que não. O que quer o sr. Getúlio Vargas, isto sim, é fazer prisioneiros da política do govêrno os trabalhadores da cidade e do campo, impedir que marchem pelo caminho da luta revolucionária, a única que pode resolver efetivamente seus problemas.

Demagogia e reação crescentes são, assim, as duas faces da mesma política de Vargas, são o duplo gume da arma que maneja contra os trabalhadores e o povo, na esperança de poder manter por mais tempo os privilégios das classes que êle representa e de poder melhor servir à política de guerra e colonização dos imperialistas norte-americanos.

Por outro lado, sempre perseguindo o mesmo objetivo de enganar as massas, alguns setores da UDN e o demagogo Ademar de Barros fazem-se de oposicionistas, de democratas, de defensores do povo. São elementos que, apoiando integralmente a política de guerra do imperialismo no país buscam, no entanto, através de uma atitude oposicionista fazer pressão sôbre o govêrno de Vargas com o objetivo de conseguir melhores posições no aparelho estatal. Essa oposição, que a si mesma se denomina de democrática, mas que nenhuma atitude toma em defesa da paz e contra a repressão aos movimentos populares, aspira a colocar sob sua influência as grandes massas que se vão desiludindo com a política de Vargas. Utiliza, neste sentido, a mais desenfreiada demagogia. Como as massas demonstram cada vez mais abertamente seu ódio ao imperialismo ianque, o demagogo Ademar, por exemplo, não vacila, de acôrdo com os próprios banqueiros de Wall Street, em atacar de palavras o imperialismo americano. Seu jornal "A Época", de S. Paulo, abre manchetes espetaculares contra uma possível ocupação da América Latina por tropas americanas, na mesma ocasião em que Ademar confabulava com Rockefeller nos Estados Unidos e fazia negociações secretas com os imperialistas ianques. Do mesmo modo, quando as massas trabalhadoras da zona do S. Francisco são ameaçadas pelo desemprêgo com a paralização das obras do Plano SALTE, a UDN se arvora em defensora "intransigente" desses trabalhadores, faz grande alarido em torno do problema, ao mesmo tempo que vota, no Paralmento, enormes verbas para fins militares, que ocasionam efetivamente a paralização das obras. E' que, fingindo-se oposicionistas, êsses elementos procuram explorar o descontentamento das massas para vêr se conseguem arrastá-las e, assim, desviá-las do caminho revolucionário, ao mesmo tempo que se preparam, de acôrdo ainda com o imperialismo, para substituir Vargas, caso sua permanência no poder, com o crescimento de sua impopularidade, se torne prejudicial à segurança dos interêsses norte-americanos no país.

Nada têm que vêr tais elementos ou partidos com os verdadeiros interêsses de nosso povo. São elementos ou partidos das classes dominantes e, no momento, braço esquerdo e reserva política dos imperialistas. Êles devem e podem, portanto, ser desmascarados e isolados através das lutas de massas pela paz, contra o imperialismo, a reação e a miséria.

Tal é o quadro da situação política nacional. Tal é o govêrno de Vargas — govêrno de guerra, de colonização, de fome e de opressão. Que perspectiva nos apresenta êsse quadro?

Não pode haver dúvida que a classe operária e as massas populares, dirigidas pelo nosso Partido, assestarão golpes cada vez mais sérios à política criminosa dos que dirigem o país.

A marcha para a guerra e para o fascismo não é uma fatalidade diante da qual nada se pode fazer. Muito ao contrário. A luta enérgica das massas pode deter e esmagar — e esmagará certamente — os inimigos do nosso povo. Na execução de tão monstruosos planos contra os sagrados interêsses da nação, são débeis e cada vez mais débeis as classes dominantes em nosso país. Em que pese todo o seu esfôrço e os recursos a utilizar, não poderão atacar com êxito, simultaneamente, os operários que reclamam pão, os camponêses que desejam a terra, as mães que não querem seus filhos sacrificados na guerra, os jovens que desejam viver e não morrer como servos do imperialismo, os pequenos e médios produtores ameaçados pela ruina total, os patriotas que não querem vêr a pátria sob o tacão do opressor estrangeiro, os que amam a paz, a democracia e o socialismo.

Somos mais fortes, e disto precisamos ter plena consciência. A classe operária e as massas populares, na luta, podem obter êxitos crescentes, impôr sua própria legalidade e fazer valer, por cima de tudo, sua vontade soberana.

Desta compreensão profunda de que somos mais fortes e de que, lutando, podemos esmagar os planos de guerra, colonização e fascismo dos inimigos de nosso povo, é que, cada um de nós precisa estar armado para orientar-se com segurança e executar as tarefas que nos competem.

NOSSAS TAREFAS

A análise da situação mundial e nacional que acabamos de fazer confirma plenamente o que já dizia o nosso Partido sôbre o desenvolvimento da situação em seu Manifesto de 1.º de agôsto.

> "Os acontecimentos se precipitam e é evidente que se aproximam dias decisivos que exigem de nós mais ação e vigilância".

Os perigos que ameaçam a vida de nosso povo são cada dia maiores. Um govêrno de traição nacional, govêrno de fazendeiros e grandes capitalistas, serviçal do imperialismo, tudo cede aos provocadores de guerra de Wall Street. Os preparativos para a guerra se intensificam, e com isto agrava-se dia a dia a situação de miséria das massas e novos passos no caminho da reação fascista estão sendo dados pelo govêrno do sr. Vargas — o novo Dutra, como já previa o nosso Partido.

Simultaneamente, no entanto, as mais amplas camadas da população do país se radicalizam ràpidamente e manifestam, com vigor crescente, que não estão dispostas a morrer de fome nem a ir verter seu sangue nas aventuras guerreiras do imperialismo. As grandes massas trabalhadoras lutam contra a miséria, exigem maiores salários, e desta forma lutam na verdade contra a política de guerra e anti-nacional do govêrno Vargas, cuja impopularidade cresce ràpidamente.

Diante da contradição que se aguça no país entre as fôrças populares, democráticas e patrióticas, de um lado, e a minoria reacionária que governa o país, de outro, a solução revolucionária apresentada pelo nosso Partido no Manifesto de agôsto revela-se cada

vez mais como a única justa, a única que realmente atende aos interêsses das mais amplas massas trabalhadoras e de todos os patriotas que não se conformam com a colonização total do país pelos monopólios americanos.

Colocando-nos com audácia à frente da classe operária e das grandes massas populares, esclarecendo-as e levando-as à luta em defesa da paz, pela libertação nacional e a conquista da democracia popular, pela entrega da terra aos camponêses, pelo confisco das emprêsas imperialistas, pela nacionalização dos serviços públicos, pela imediata melhoria da situação das grandes massas trabalhadoras, é que conseguiremos unir e organizar a imensa fôrça revolucionária do nosso povo e levá-la à vitória sôbre o imperialismo e as fôrças da reação no país.

Unir as grandes massas de nosso povo em tôrno do Programa de 9 pontos da F. D. L. N. é a grande tarefa de nosso Partido ,tarefa que se acha, no entanto, intimamente ligada ao nosso esfôrço sistemático pela organização sindical da classe operária, pela organização das grandes massas camponêsas e pela ampla estruturação do movimento dos partidários da paz.

Com o objetivo de mobilizar e organizar as massas, é nosso dever indicar-lhes o que hão de fazer hoje para defender-se da guerra, da miséria crescente e da brutalidade da reação fascista.

O desenvolvimento da situação confirma, assim, a justeza da orientação de nosso Partido e a necessidade que temos de insistir nas resoluções tomadas na reunião de fevereiro último do C. N., que precisam ser levadas à prática com maior vigor e decisão.

Decidimos com acêrto que a luta pela paz é a nossa tarefa central, inseparável da luta pela libertação nacional e sempre ligada a tôdas as outras tarefas do nosso Partido. A grande batalha política dos nossos dias é a que se trava no mundo inteiro entre as fôrças negras dos fautores de guerra e as amplas e sempre crescentes fôrças dos partidários da paz. A paz é a grande aspiração que mobiliza o proletariado e seus aliados. Através da luta pela paz é que milhões de pessoas, ainda ontem apáticas, se lançam à ação política.

Certamente, há várias maneiras de encarar o problema da guerra e da paz. Como Partido do proletariado, vemos que a causa da guerra não é o simples desejo, que pode ou não ser satisfeito, de um punhado de magnatas. A causa da ameaça de guerra está na própria essência do sistema capitalista, do qual o imperialismo é a etapa final. Reside na necessidade que tem o imperialismo de expansão e de subjugação de povos e de territórios para vender suas mercadorias, assenhorear-se das matérias-primas e realizar lucros sempre maiores. Como Partido do proletariado, compreendemos que a colonização de países e povos é inseparável da existência mesma do imperialismo. Lenin ensina que uma das características fundamentais do imperialismo é a política colonial de dominação imperialista dos territórios do globo. O imperialismo prepara e faz a guerra redobrando a exploração das colônias, reforçando a dominação dos povos.

A luta pela paz, para nós, comunistas, é por isso mesmo inseparável da luta pela libertação nacional. Intensificando a luta pela libertação nacional, nosso povo dará melhor contribuição à causa da paz, como já fazem o heróico povo coreano e os povos do sudeste da Ásia.

Lutar pela paz *até o fim* no Brasil, é, pois, fazer as grandes massas compreenderem no processo da própria luta a profunda ligação entre a luta pela paz e a luta pela libertação nacional, é levar, portanto, as massas a liquidar a dominação do imperialismo e de seus sustentáculos internos, a superar, como assinala o camarada Prestes, as fôrças de classe que no país querem a guerra. Dêste ponto de vista é que encaramos tôdas as nossas tarefas.

Sem ocultar a nossa posição revolucionária, para a qual haveremos de ganhar a classe operária e a maioria esmagadora da população do país, precisamos saber unir e organizar as grandes massas do povo para salvar a paz, independentemente de partido ou grupo social a que cada um pertença. Mesmo as pessoas até agora mais afastadas de nós podem e devem ser atraídas para a grande causa da luta contra a guerra. E' neste sentido que atuam os partidários da paz, e o Partido Comunista os apoia e lhes prestará tôda ajuda. Do mesmo modo que contribuímos para o pleno êxito do Apêlo de Estocolmo, participamos agora ativamente da nova iniciativa dos partidários da paz que visa a obtenção de 5 milhões de assinaturas ao Apêlo por um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências. Em nosso esfôrço para atrair as grandes massas trabalhadoras para a luta pela paz e pela libertação nacional, é de particular importância dedicarmos agora a maior atenção à luta contra a carestia da vida e por melhores salários, que são, justamente com a defesa da paz, as reivindicações mais imediatas e sentidas pelas grandes massas trabalhadoras de todo o país.

Nestas condições, ao mesmo tempo que reforçamos nossa luta pelo programa de 9 pontos do Manifesto de Agôsto, que lutamos pela imediata organização dos Comitês Democráticos de Libertação Nacional, devemos agora concentrar a atividade do Partido nas seguintes tarefas práticas, que devem ser realizadas em ligação com as Resoluções de Fevereiro do Comitê Nacional:

CONTRA AS DECISÕES DE WASHINGTON

As decisões da Conferência de Washington devem ser combatidas energicamente pelo nosso Partido. A luta contra essas decisões precisa ser realizada através do mais amplo trabalho de esclarecimento popular sôbre a grave ameaça que elas representam e, muito especialmente, através das ações de massa contra a sua aplicação.

Porisso mesmo é tarefa dos comunistas intensificar por todos os meios a luta popular contra o envio de tropas brasileiras para a Coréia, objetivo principal das decisões de Washington. "Nenhum soldado brasileiro para a Coréia" é a palavra de ordem do Partido que precisa alcançar vastas camadas do nosso povo e encontrar cada vez mais correspondência prática nas ações de massa. Já se encontram nos Estados Unidos centenas de marinheiros brasileiros, que se acham sob a ameaça de ser embarcados para a Coréia. Diante dêste fato concreto, que revela a iminência do envio de brasileiros para a guerra, devemos levantar em todo o país uma intensa campanha de massas pela volta imediata dos nossos marujos para o Brasil. Visando o aumento de efetivos das fôrças armadas, as autoridades militares vão fazendo camufladamente convocações militares extraordinárias e prorrogando o tempo de serviço dos soldados convocados. Precisamos exigir a não prorrogação do tempo de serviço militar e o licenciamento imediato dos convocados que já cumpriram seu tempo de serviço, e lutar contra qualquer mobilização acima das exigências dos tempos de paz. Tôdas as formas de lutas devem ser utilizadas, desde o abaixo-assinado de protesto, os telegramas e moções dirigidos ao govêrno até a greve, as demonstrações de rua, desfiles e comícios, e as manifestações coletivas de soldados, pois só a ação de massas sempre mais enérgica pode efetivamente frustar as exigências norte-americanas sôbre o fornecimento de carne para canhão. Papel importante na luta contra o envio de tropas para a Coréia deve ser desempenhado pelas mulheres. A visita de comissões femininas — mães, espôsas e noivas de jovens em idade militar — aos jornais, às assembléias legislativas, às autoridades militares (comandantes de Regiões e ministros das pastas militares) e ao govêrno, para exigir que os soldados brasileiros não sejam enviados ao estrangeiro, tem grande importância no momento atual.

E' tarefa dos comunistas, em relação às decisões de Washington, organizar as lutas das massas contra as medidas fascistas de repressão ao movimento democrático e operário que o govêrno de Vargas procura executar. A luta pela anistia aos presos, processados e perseguidos políticos tem grande importância e deve assumir o caráter de um amplo movimento nacional. E' necessário lutar ativamente pelo direito de livre associação e reunião. O melhor meio de impedir a tentativa do govêrno de ilegalizar as organizações patrióticas e populares é organizar o protesto dessas organizações contra a ameaça concreta que pesa sôbre

elas e, fundamentalmente, levá-las a impulsionarem as lutas em torno dos obejtivos para os quais foram criadas. Neste sentido, particular atenção deve ser dada à luta contra a entrega de nosso petróleo à Standard Oil.

E' também tarefa dos comunistas lutar, com as massas, pela expulsão dos soldados americanos do nosso território e impedir o embarque dos minérios brasileiros para a máquina de guerra americana, assim como dos víveres, que tanta falta fazem ao nosso povo.

O Partido deve estar vigilante e fazer contínuos apêlos à vigilância das massas contra a preparação silenciosa da guerra. Lenine nos ensina que é preciso revelar os mistérios que cercam o nascimento da guerra, pois os que a preparam agem sorrateiramente visando colocar os povos diante do fato consumado e então esmagar sua resistência pelo terror. É necessário alertar-mos as massas denunciando sistemàticamente os preparativos de guerra, localizando cada detalhe dêsses preparativos e tornando-os públicos para que as massas dêles tomem conhecimento e possam ser mobilizadas para a luta.

O Partido precisa desmascarar por tôdas as formas a "preparação da opinião pública" para o envio de tropas à Coréia. Neste sentido devemos intensificar nossa solidariedade ao povo coreano, divulgando ao mesmo tempo os horrores e crimes praticados pelos norte-americanos na Coréia. Devemos igualmente desmascarar tôda a preparação ideológica para o ataque à União Soviética e revelar o conteúdo imperialista das teses do "Pan-americanismo", da "fatalidade geográfica", etc., com as quais se pretende justificar nossa colonização e nossa participação na guerra.

2 — CONTRA A CARESTIA DA VIDA

O Partido deve empreender esforços para que se intensifique amplamente no país a campanha de massas contra a carestia da vida e por aumento de salários. Sendo a carestia da vida decorrência da política de guerra, colonização e aumento feroz da exploração da classe operária, a luta contra a carestia constitui também um golpe contra os provocadores de guerra e seus lacáios no país.

Lutar na prática contra a carestia é exigir, por meio das ações de massas, a rebaixa dos preços de gêneros de primeira necessidade, dos transportes e dos aluguéis, resistir à sua elevação e reclamar punição rigorosa para os que exploram o povo. E' lutar contra o aumento dos impostos que recaem sôbre os consumidores e os pequenos produtores e exigir que a produção nacional se oriente para as necessidades do consumo interno e não para alimentar a máquina de guerra dos imperialistas. E' impôr, na luta de massas, a redução orçamentária das despesas militares, que ocasionam os "deficits" e a inflação. Lutar contra a carestia da vida é, particularmente para a classe operária e os trabalhadores do campo, lutar por aumento de salários e pela fixação de um salário mínimo justo.

A organização das massas, na ação, é o fator fundamental para obter êxitos nessa tarefa. Os comunistas, assim, além da organização das comissões populares para a luta contra a carestia, devem redobrar de esforços para aplicar nossa linha política em relação à unidade e à organização sindical da classe operária.

Devemos chamar os trabalhadores para ingressarem nos sindicatos com a finalidade de lutar ativamente por suas reivindicações e de arrancá-los das mãos dos pelegos e do Ministério do Trabalho. Dentro dos sindicatos ministerialistas, a luta pela liberdade sindical deve ser realizada através de campanhas pela convocação de assembléias de massa, por eleições livres, pelo direito dos sindicatos se agruparem nas Uniões Sindicais e se filiarem abertamente à C.T.B. Simultaneamente devemos lutar pela organização sindical dos trabalhadores nos próprios locais de trabalho, reforçar suas associações profissionais, pois a unidade e a organização sindical têm, nas emprêsas, o seu ponto de apoio fundamental.

E' êste o caminho para desmascarar na prática a demagogia "trabalhista" do sr. Getúlio Vargas.

3 — POR UM PACTO DE PAZ, POR 5 MILHÕES DE ASSINATURAS

Nosso Partido deve assegurar importante contribuição ao Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz e à campanha por êle lançada para a coleta de cinco milhões de assinaturas ao Apêlo por um Pacto de Paz. Esta campanha constitue, atualmente, o centro da luta pela paz em todo o mundo.

Sem dúvida, o Partido não deve ser confundido com o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, e não podemos limitar nossa atuação, como Partido, unicamente, às palavras de ordem dêsse Movimento. Mas é indiscutível que devemos trabalhar com todo o empenho e ardor revolucionário para reforçar e ampliar mais e mais o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz e para ajudá-lo a realizar suas tarefas.

> *"A vasta campanha em favor da manutenção da paz — diz Stálin — como meio de denunciar as criminosas maquinações dos provocadores de guerra, se reveste hoje em dia de importância primordial".*

O Movimento dos Partidários da Paz, é uma imensa frente que congrega todos os que desejam a paz, quaisquer que sejam suas condições sociais, suas convicções filosóficas ou religiosas, suas preferências políticas. O papel desempenhado por esse Movimento no mundo inteiro, e também em nosso país, já tem um significado histórico. Basta lembrar que o Apêlo de Estocolmo obrigou os imperialistas até agora a arquivar sua bombas atômicas.

No momento atual, o Conselho Mundial da Paz realiza intensa campanha para a coleta de assinaturas por um Pacto de Paz, movimento que vai ganhando as mais amplas massas de todo o mundo. Cêrca de 300 milhões de pessôas, já subscreveram esse Apêlo. Campanha de imensa envergadura, representa nas condições atuais um golpe mais sério e poderoso nos planos dos provocadores de guerra do que o próprio Apêlo de Stocolmo e, como acentuou o Conselho Mundial da Paz em sua última reunião, pode inclinar a balança em favor da paz.

Os imperialistas preparam a guerra mas temem as massas, temem a sentença terrível e inexorável dos povos. Os povos têm agora em suas mãos, imensas possibilidades para desmascarar os agressores, isolá-los completamente e por em xeque seus planos sinistros. Esta possibilidade consiste em realizar com êxito a coleta de assinaturas pela conclusão de um Pacto de Paz.

Esta campanha, que também se realiza em nosso país, lançada há dois meses pelo Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, objetiva colher cinco milhões de assinaturas. Tal objetivo pode ser alcançado e até mesmo superado, devido ao caráter da campanha e à sua imensa amplitude. O Apêlo não entra em cogitações sôbre que bases deve estabelecer-se o Pacto de Paz; subscrevendo-o, cada pessoa manifesta tão sòmente seu desejo de paz, sua exigência para que as cinco grandes potências, Estados Unidos, União Soviética, República Popular da China, Inglaterra e França — que têm a responsabilidade principal pela manutenção da paz no mundo — cheguem a um acôrdo para evitar a guerra. Assim fazendo, evidentemente, considera a recusa de qualquer govêrno a esse entendimento como provocação guerreira da parte dêsse govêrno. Que homem ou mulher, a não ser os mais ferozes inimigos da humanidade, pode recusar sua assinatura a um documento de conteúdo tão amplo? Quem pode deixar de associar-se a tão nobre aspiração?

A campanha por um Pacto de Paz, representa imensa contribuição à luta contra o envio de tropas para a Coréia e contra as decisões da Conferência de Washington. Como já vem demonstrando a coleta de assinaturas por um Pacto de Paz, esta campanha, pela sua amplitude, desperta grandes massas para a luta pela paz e levá-as a manifestarem concretamente sua oposição à política de guerra dos imperialistas americanos e de seus agentes. Cada assinatura a favor de um Pacto de Paz é um ato de condenação ao envio de tropas para a Coréia e à preparação do país para a guerra. Milhões de assinaturas representarão séria

advertência ao govêrno e criarão dificuldades imensas à continuação de seus planos guerreiros. A vontade de paz das centenas de milhões de pessôas em todo o mundo deve juntar-se a vontade de paz de milhões de brasileiros para impedir o desencadeamento da guerra mundial.

E' certo, no entanto, que apesar da amplitude da campanha e de ser a mesma recebida com entusiasmo e compreensão pelas massas, o número de assinaturas coletadas no país é ainda muito pequeno. Pouco mais de 300 mil assinaturas foram recolhidas. Isto se deve a que é pequeno o número de coletores de assinaturas, não se organizando coletas em massa e planificadamente; a que é fraca, bastante fraca, a propaganda da campanha; e a que, em muitos csos, há vacilação sôbre a eficácia da campanha, falhas estas que os comunistas devem encarar com grande espírito de responsabilidade para ajudar a superá-las.

Aos comunistas, dentro do movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, cabe um papel decisivo:

— Êles devem pôr em ação tôda a sua rica experiência, adquirida na coleta de assinaturas ao Apêlo de Estocolmo, para multiplicar ràpidamente o número de assinaturas da campanha por um Pacto de Paz;

— Êles devem trabalhar incansàvelmente para trazer novas e mais amplas camadas da população, as massas camponesas, os jovens, as mulheres e, em primeiro lugar, a classe operária, para as fileiras dos partidários da paz;,

— Êles devem empregar o máximo de esforços para criar milhares de organizações locais de defesa da paz: "Comitês", "Cruzadas", etc., das fábricas e oficinas, das lojas e repartições, dos quartéis e navios, das fazendas e usinas, das escolas e dos bairros.

O primeiro dever dos comunistas que atuam no Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, é ajudar a estruturar o Movimento da maneira mais ampla, é ajudar a realizar a unidade de tôdas as fôrças do país, interessadas na manutenção da paz mundial.

A fim de que a campanha por 5 milhões de assinaturas seja plenamente vitoriosa, é necessário que as organizações e os militantes de nosso Partido, na emprêsa, no bairro, na cidade, ou no Estado, onde atuam, considerem o cumprimento das quotas de assinaturas estabelecidas pelo Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz como tarefa sua, que depende em bôa parte de seus esforços, de sua capacidade de iniciativa.

*

Em resumo a atividade dos comunistas no período atual deve orientar-se particularmente no sentido de levar a bom têrmo a campanha de assinaturas por um Pacto de Paz e de intensificar a luta contra as decisões da Conferência de Washington, em especial contra o envio de tropas para a Coréia. Deve orientar-se igualmente para a luta contra a carestia e por aumento de salários.

As ações populares por um Pacto de Paz e contra as decisões da Conferência de Washington, contra a carestia e por aumento de salários, têm importância decisiva no momento atual para desmascarar os imperialistas e seus lacaios, assim como para conduzir milhões de brasileiros à frente ampla de luta contra o imperialismo norte-americano, pela paz e a conquista da democracia popular.

4 — PELO FORTALECIMENTO DO PARTIDO

Para realizarmos as nossas grandes e honrosas tarefas, precisamos, porém, cumprir simultâneamente a importante decisão tomada em nossa última reunião de fevereiro: trabalhar pela construção do Partido.

Cada dia se torna mais evidente que só poderemos executar com êxito nossas tarefas na medida em que fortalecermos nosso Partido — ideológica, política e orgânicamente.

Rápido balanço de nossa atividade, no período transcorrido desde a última reunião do C.N., revela que as debilidades do nosso Partido são muito grandes ainda e que pouco fizemos para superá-las.

O Partido, no seu conjunto, fez esforços para organizar o protesto popular contra a Conferência dos Chanceleres e para realizar um 1.º de Maio, expressivo. Foram positivas as ações efetuadas, particularmente as do dia 18 de abril, contra as decisões de Washington. Graças a estas ações, as massas puderam tomar conhecimento de fatos graves que atentam contra a sua vida e liberdade e que os imperilistas e seus lacaios procuravam a todo transe esconder. Os corajosos atos realizados pelo Partido, enfrentando a reação, permitiram um desmascaramento maior do govêrno de Getúlio e demais serviçais de Truman no país, revelando seus objetivos guerreiros. Mas não devemos obscurecer as debilidades sérias que se apresentam. As manifestações demonstram que estamos ainda desligados das grandes massas e não sabemos mobilizá-las como é necessário e possível. Ainda foram apenas os militantes do Partido e alguns setores de massas mais próximos a nós que compareceram aos atos programados. Por outro lado, pouca importância foi dada ao trabalho de esclarecimento e de organização dos protestos nas fábricas e fazendas. Dezenas de abaixo-assinados contra as decisões de Washington, foram conseguidos, mas um esfôrço maior de nossa parte, uma atenção melhor ao trabalho nas empresas, poderia assegurar centenas dêstes protestos cuja significação política seria de inestimável valor.

O Partido empenha-se em orientar cada vez mais seu trabalho para a classe operária e as massas camponesas. Por isso mesmo temos dirigido algumas lutas de importância do proletariado e dos camponeses por aumento de salários e outras reivindicações econômicas. Mas são muitas as greves que ocorrem sem a nossa participação direta e sem um esfôrço de nosa parte para melhor orientá-las. As tendências oportunistas ainda existentes em nossas fileiras fazem com que não seja dada tôda a atenção necessária à preparação e desencadeamento de lutas nas empresas, quando é certo que, em muitos casos, as massas tão sòmente aguardam nossa ajuda e orientacão para formular e exigir seus direitos. Não avançamos igualmente na organização da classe operária e das massas camponesas.

Nestes quatro meses de atividade, notamos que a palavra do Partido, vem sendo ouvida com atenção sempre maior pelas massas. Muitos são os casos em que os trabalhadores da cidade e do campo, sem partido ou, mesmo pertencendo a outros partidos, procuram espontaneamente os companheiros do nosso Partido para conhecer sua opinião sôbre a situação política, sôbre êste ou aquele acontecimento. Inúmeros elementos buscam nas palavras e nos conselhos dos comunistas uma resposta, e uma orientação para enfrentar os problemas que os atormentam. Nossos agitadores propagam em escala sempre maior, se bem que de maneira ainda insuficiente e aquem das possibilidades, a solução revolucionária dos problemas brasileiros contida no Manifesto de Agosto. Mas pouco avançamos ainda na criação dos Comitês Democraticos de Libertação Nacional, tarefa imediata do Partido que nem sempre tem sido encarada como tal e com a indispensável seriedade.

Nossa debilidade principal no trabalho de massas, neste último período, consiste na subestimação das tarefas relativas à coleta de assinaturas por um Pacto de Paz. E' pequeno o esfôrço realizado pelo Partido para multiplicar ràpidamente o número de assinaturas e cobrir as quotas determinadas no plano do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz. E' combatendo politicamente as tendências que entravam a realização desta importante tarefa e pondo em ação nossa experiência adquirida na campanha em prol do Apêlo de Estocolmo que superaremos aquela debilidade e melhor ajudaremos a ampliar e estruturar os partidários da Paz por não sabermos ampliar a frente dos partidários da paz, por não trabalharmos ainda como devemos com as massas, é que a tarefa da coleta de assinaturas recai quase exclusivamente sôbre os nossos militantes.

Neste período manifestaram-se também no Partido, entre alguns elementos e organismos, certas tendências ao pessimismo, atitudes de impotência e conformismo em face das dificuldades que surgem, o que não deixa de traduzir falta de confiança nas fôrças da classe operária e do povo. Os elementos portadores destas tendências orientam-se por uma análise unilateral da realidade, só vendo o lado da reação, e

não enxergam o outro lado da realidade, o formidável potencial que representa a vontade de luta das massas, vontade que se robustece e tudo pode, como ainda agora nos demonstram as greves operárias desencadeadas em todo o país.

O atraso na descida das tarefas às bases, a falta de contrôle e planificação, o espontaneismo, caracterizam ainda nossa atividade neste último período. O Informe de Fevereiro do Comitê Nacional, e suas Resoluções não foram discutidos até agora nem mesmo por 50 por cento dos nossos militantes. Nossas bases, é evidente, não podem aplicar resoluções que não recebem e nem discutem.

As causas destas debilidades já foram analisadas, no Informe de Fevereiro e apontados os meios para corrigi-las. E' necessário insistirmos na aplicação dêsses meios; é necessário colocar efetivamente na ordem do dia os problemas da construção do Partido, ponto fundamental do Informe e das Resoluções de Fevereiro.

Que realizamos, em ligação com essa tarefa, no terreno ideológico e no terreno orgânico?

Não há dúvida que demos um passo no terreno da elevação do nível ideológico do Partido. Foram instituidos e realizados em vários pontos do país curso de curta duração e agora iniciamos um curso de nível médio de três semanas. Esta tarefa tem grande importância na luta pela superação de nossas debilidades e precisa ser realizada com mais perseverança e firmeza. Mas, poucas iniciativas surgiram na organização de círculos de estudos e retardamos ainda a melhoria de nossa imprensa e a publicação de livros e folhetos marxistas. A difusão de nossa imprensa é pequena, assim como de nossa literatura.,

Algumas medidas foram tomadas para encarar o problema do fortalecimento orgânico do Partido, mas estas medidas são insuficientes postas em prática. Continua o grave desinteresse, por parte das direções do Partido em todos os escalões, pelo funcionamento regular dos organismos de base do Partido e pela ajuda sistemática que estas organizações devem merecer. Muito pequeno foi o número de células organizadas depois do Pleno de Fevereiro, embora sejam grandes as condições existentes para isto. No curso das lutas que se vão desenvolvendo em todo o país, não há esfôrço organizado para multiplicar os efetivos do Partido nas empresas e concentrações camponesas. Como que separamos, em nosso trabalho, as tarefas políticas das tarefas organizativas.

Estes fatos mostram que, no seu conjunto, as tarefas de construção do Partido, são subestimadas. Qual a razão dêste grave defeito?

Êle resulta, no fundamental, da insuficiente compreensão em nossas fileiras de papel dirigente e organizador do Partido, da insuficiente compreensão de que o Partido é o organizador do movimento operário e do movimento nacional-libertador no país.

Lênin dizia:

> *"O proletariado não dispõe, em sua luta pelo Poder, outra arma se não a organização. O proletariado disseminado pelo império da anarquica concorrência dentro do mundo burguês, lançado constantemente "ao abismo da miséria mais completa, do embrutecimento e da degeração, só pode fazer-se e se fará inevitàvelmente invencivel sempre e quando sua união ideológica por meio dos principios do marxismo se afiance na unidade material da organização, que funde os milhões de trabalhadores no exército da classe operária".*

Esta clara indicação de Lênin, é que precisamos pôr em prática, com decisão e firmeza.

Será demais repetir aqui que só através do Partido — do Partido enraizado nas grandes empresas e nas grandes concentrações de trabalhadores, ligado as massas — é possível dirigir o movimento operário brasileiro, fundir os milhões de trabalhadores no exército da classe operária? Acreditamos que não, que não é demais repetir aqui esse conceito fundamental do movimento revolucionário.

Em nosso país existem as condições objetivas mais favoráveis para que milhões de brasileiros, ingressem na senda revolucionária. Tais possibilidades porém, só podem transformar-se em realidade se soubermos ganhar, antes e acima de tudo, os melhores filhos da classe operária e do povo para o nosso Partido, para a Revolução, e se soubermos elevar o nível ideológico, político e orgânico do Partido. A Revolução no Brasil, dentro do quadro da situação atual está mais longe ou mais próxima, na medida em que soubermos resolver os problemas práticos e teóricos da construção do Partido.

Eis porque a realização desta tarefa — ponto fundamental da nossa resolução de Fevereiro — é decisiva. E como tarefa decisiva é que precisa ser enfrentada por êste C. N. e por todo o Partido.

Camaradas!

Atravessamos uma situação cheia de graves perigos mas, ao mesmo tempo de grandes e radiosas esperanças.

O mundo inteiro é um só palco da gigantesca batalha de todos os povos contra a guerra e o imperialismo. As forças da paz, tendo à frente a gloriosa União Soviética, Pátria do socialismo, e Stálin, o querido e sábio chefe do proletariado mundial, não cessam de crescer, e demonstram que já agora é possível fazer recuar os imperialistas nos seus manejos guerreiros, impedir a guerra e manter a paz. Qualquer que seja, porém, o curso desta batalha entre as fôrças que defendem a paz e as que querem a guerra o imperialismo será esmagado, como nos ensina a ciência marxista, e com êle desaparecerão para sempre as causas que engendram as guerras e que provocam o sofrimento terrível de milhões de sêres humanos.

O povo brasileiro participa desta luta. Grandes são tambem os perigos que o ameaçam, mas nosso povo tem heróicas tradições de luta e há de enfrentá-los lutando. O êxito desta luta dependerá fundamentalmente da fôrça dirigente da classe operária e do seu Partido de vanguarda.

Devemos e podemos derrotar a política de guerra, de fome, de opressão social do atual govêrno de fazendeiros e grandes capitalistas, serviços do imperialismo. À frente do nosso povo, tomamos a causa da paz em nossas próprias mãos e a denfendamos até o fim, intensificando a luta pela libertação nacional do jugo imperialista e pela conquista da democracia popular.

> *"Na luta pela libertação nacional do jugo do imperialismo, pela paz e a democracia — diz Prestes, o grande chefe do nosso Partido — nosso povo será invencivel como invencivel foi o povo chinês e ainda agora o demonstra ser o heróico povo da Coréia, na sua luta contra o agressor imperialista".*

Nosso Partido, é a esperança do povo. Milhões de brasileiros, no meio da tormenta desencadeada, voltam-se para o Partido da classe operária — o farol que ilumina o caminho da paz, da libertação nacional, da democracia popular.